



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“O envolvimento do pai e o desenvolvimento de competências sociais em crianças do pré-escolar: o papel da concordância dos relatos do casal”

MARIA DE OLIVEIRA FRANCO NUNES DOS REIS

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor António José dos Santos, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Ainda que as palavras sejam poucas, não poderia deixar de, pelo menos, tentar expressar através delas a gratidão que sinto pelo carinho, apoio e dedicação, que recebi no decorrer de todo este percurso de aprendizagem.

Gostaria de começar por agradecer ao Professor Doutor António José dos Santos por toda a orientação, disponibilidade e exigência durante este ano lectivo, que tanto contribuiu para a minha formação profissional.

À minha Família, pela possibilidade de frequentar um ensino de excelência, pela compreensão, liberdade e apoio na escolha vocacional que demonstraram ao longo de todo o meu percurso académico e sem o qual esta opção não seria possível.

Por último, aos meus Amigos, por me terem acompanhado e demonstrado o seu apoio nas imprescindíveis sessões de estudo colectivas e pela paciência demonstrada perante a carga horária na realização deste projecto, que implicou o sacrifício de muitas horas de desejado convívio.

Resumo

O presente trabalho pretende aumentar a compreensão do envolvimento parental na população portuguesa, através da consideração das percepções das mães e dos pais sobre a participação do pai na prestação de cuidados e socialização na vida da criança e como esta se relaciona com o desenvolvimento de competências sociais das crianças em idade pré-escolar.

Participaram 55 crianças em idade pré-escolar, respectivos pais e educadoras. Os dados sobre o envolvimento foram recolhidos pelos pais e pelas mães através da Escala de Envolvimento Parental: Participação em Actividades de Cuidados e de Socialização (Monteiro, Veríssimo, & Pessoa e Costa, 2008), já a competência social foi recolhida junto das educadoras através da SCBE-30 (LaFreniere & Dumas, 1996).

Tendo em conta as duas perspectivas verificou-se que, enquanto na opinião do pai, todos os domínios do envolvimento são partilhados entre as duas figuras parentais, na opinião das mães, as actividades de cuidados (directos e indirectos) são ainda tendencialmente da sua responsabilidade. Verificou-se ainda uma tendência das mães para subestimarem o envolvimento do pai e dos pais sobrevalorizarem o seu envolvimento (Lee e Waite, 2005; Kamo, 2000). Por outro lado, não foram encontradas correlações significativas entre o envolvimento nas duas perspectivas ou o nível de concordância do casal nos vários domínios do envolvimento e as competências sociais descritas pelas educadoras. No entanto, conclui-se que, na perspectiva da mãe, quanto maior a concordância do casal, maior o envolvimento do pai nos vários domínios do envolvimento.

São ainda discutidos os principais problemas metodológicos da investigação e sugeridos objectivos para estudos futuros.

Palavras-chave: Envolvimento; Competências sociais; Concordância; Pré-Escolar

Abstract

The aim of this paper is to increase the understanding of parental involvement in the Portuguese population, by considering the perceptions of both mothers and fathers regarding the father's participation in the provision of care and socialization in the child's life and how this is related to the development of social skills of preschool children.

In this study participated 55 preschool children, their parents and pre-school teachers. Data on involvement were collected by parents through the Parental Involvement Scale: Participation in Care and Socialization Activities (Monteiro, Veríssimo, & Pessoa e Costa, 2008), while social competence was collected from the pre-school teacher through SCBE-30 (LaFreniere & Dumas, 1996).

Given the two perspectives it was found that while in the father's opinion all domains of involvement are shared between the two parental figures, in the mothers' opinion the care activities (direct and indirect) still tend to be their responsibility.

There was also a tendency for mothers to underestimate father involvement, and fathers to overestimate their involvement (Lee & Waite, 2005; Kamo, 2000). On the other hand, no significant correlations were found between involvement (in both perspectives) or the couple's level of agreement in the various domains of involvement and the social competences described by the teachers. However, it was concluded that, from the mother's perspective, the greater the couple's agreement, the greater the father's involvement in the various domains of involvement.

The main methodological research problems are discussed and objectives for future studies are suggested.

Key-words: Involvement; Social Skills; Agreement; Preschool Children

Índice

Introdução.....	1
Parte I: Envolvimento Paterno.....	4
CAPÍTULO I Envolvimento Paterno.....	4
1. Ser pai no século XXI: um papel em mudança.....	4
2. O que significa “envolvimento paterno”?.....	7
3. Diferentes formas de Envolvimento Paterno	9
4. Interação Materna vs Paterna	9
5. Factores que influenciam o Envolvimento Paterno	13
6. Estudo do envolvimento paterno: problemas metodológicos.....	16
7. O Envolvimento Paterno em Portugal	18
CAPÍTULO II Competências Sociais	19
1. Competências Sociais no Pré-Escolar.....	19
CAPÍTULO III Envolvimento Paterno e Competências Sociais.....	22
1.O envolvimento Paterno e o desenvolvimento da criança	22
Pertinência do Estudo	25
Parte II: Estudo Empírico	27
OBJECTIVOS	27
MÉTODO	27
1. Desenho da investigação.....	27
2. Participantes.....	28
3. Instrumentos.....	29
3.1. <i>Questionário Socio-demográfico da criança e dos pais</i>	29
3.2. <i>Escala de Envolvimento Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização</i> <i>(Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008)</i>	29
4. Procedimento	31
RESULTADOS	32

DISCUSSÃO.....	39
CONCLUSÃO.....	43
Referências	47
ANEXOS.....	58
Anexo A – Termo de Consentimento Informado – Pais.....	58
Anexo B – Termo de Consentimento Informado - Educadora	59

Lista de Tabelas

Tabela 1 - <i>Médias e Desvios Padrão do Envolvimento na Perspectiva Materna e Paterna ...</i>	32
Tabela 2 - <i>Médias e Desvios Padrão da Escala da Competência Social e de Avaliação do Comportamento por ano do Pré-Escolar</i>	33
Tabela 3 - <i>Médias e Desvios Padrão da Escala da Competência Social e de Avaliação do Comportamento por sexo da criança</i>	34
Tabela 4 - <i>Médias e Desvio Padrão do Nível de Concordância/Discrepância no Envolvimento, nas duas perspectivas</i>	36
Tabela 5 - <i>Correlações entre os domínios do Envolvimento e o Nível de Concordância, na Perspectiva da Mãe</i>	37
Tabela 6 - <i>Correlações entre o Envolvimento e o Nível de Concordância, na Perspectiva do Pai.....</i>	38

Introdução

Nas últimas décadas, o papel desempenhado pelas figuras parentais no desenvolvimento da criança, as novas formas de famílias que têm surgido e as expectativas da sociedade face a cada figura parental têm vindo a sofrer profundas alterações. Consequentemente, a perspectiva de uma relação única (e.g. Díade Mãe-Criança) com contributos específicos para o desenvolvimento da criança começa a ser substituída (Torres, Veríssimo, Monteiro, Santos, & Pessoa e Costa, 2012) por uma abordagem mais abrangente e dinâmica, onde o Pai deixa de ser uma “figura esquecida” ou uma “figura de auxílio da mãe” e passa a ter gradualmente um papel cada vez mais definido e reconhecido (Lewis & Lamb, 2003).

Progressivamente, torna-se mais consensual que, tanto o pai como a mãe, têm influências distintas e combinadas no desenvolvimento da criança (Parke, McDowell, Kim, Killian, Dennis, Flyr, & Wild, 2008) e a família, graças a uma estimulação primária de padrões de relacionamento e de um conjunto de competências (Afonso, Veríssimo, Fernandes, Borges & Monteiro, 2011), torna-se o contexto primário do desenvolvimento humano, ao promover o desenvolvimento da identidade da criança e as primeiras interações com o mundo (Carter & McGoldrick, 1995).

Compreende-se assim que o papel dos pais na vida de uma criança não pode ser descurado e, por isso, torna-se essencial estudar o impacto da participação e envolvimento de cada figura parental na vida da criança, de forma a identificar quais as suas principais diferenças e benefícios no seu desenvolvimento (Finley, Mira, & Schwartz, 2008), através do estudo do tipo e especificidades das suas interações, tendo em conta os inúmeros factores que influenciam essa participação e/ou envolvimento, neste caso: o nível de concordância sobre a percepção da participação de cada figura parental na partilha de responsabilidades e cuidados da criança.

Autores como Black, Dubowitz, & Starr (1999) chegam mesmo a defender que os pais contribuem para o desenvolvimento da criança através das relações que estabelecem com as mesmas. Evidência empírica aponta que a mãe e o pai interagem de forma muito distinta com a criança (Afonso et al., 2011; Finley, Mira, & Schwartz, 2008; Lamb, 2004). Rice, Cunningham e Young (1997) esclarecem que a interação estimulante de jogo com o pai ao promover actividades de carácter mais social, permitindo à criança aperfeiçoar as competências necessárias ao estabelecimento de interações (e.g. numa primeira fase com os seu grupo de pares), funciona como um modelo ou representante do “mundo” ou, por outras

palavras, um elemento de ligação com o exterior, enquanto as interações com a mãe, de conteúdo mais didático e relacionado com a prestação de cuidados, surge mais associado à promoção do desenvolvimento interno da criança.

No entanto, importa reconhecer que a existência destas diferenças nas interações, por si só não significa que uma figura parental seja mais necessária ou contribua para mais *outcomes* que a outra, mas apenas que os seus contributos são distintos. Havendo evidência sobre os contributos das interações com o pai na criança, importa reconhecer os inúmeros factores que influenciam essa participação. A investigação tem definido que para além das características da criança, o envolvimento paterno pode ser influenciado pela relação conjugal entre o pai e a mãe, e que a desarmonia neste subsistema familiar pode desencadear problemas de comportamento ao afectar a qualidade da relação pai-criança (Erel, & Burman, 1995).

Neste sentido, vários autores demonstraram que o apoio que os pais sentem e a percepção que têm da relação com a mãe da criança tem influência no envolvimento com a criança, já que pais que estão mais satisfeitos com a relação conjugal e se sentem apoiados no “papel de pai” estão mais envolvidos na vida da criança, tem mais probabilidades de desfrutarem do seu papel enquanto pai e de demonstrar comportamentos parentais competentes (Black, Dubowitz, & Starr, 1999). Contudo, o estudo da relação entre a satisfação/conflito conjugal no envolvimento paterno não é consistente: existem autores que defendem uma associação positiva (Coley e Chase-Lansdale, 1999; Lee e Doherty, 2007; Nelson, Edin, e Clampet-Lundquist, 1999) e outros que referem uma relação negativa (Nangle, Kelley, Fals-Stewart, & Levant, 2003) ou até mesmo inexistente (McBride & Mills, 1993). Paralelamente, importa também referir que Yogeve e Brett (1985), verificaram existir uma associação entre os níveis de felicidade e satisfação matrimonial e a percepção de equidade na divisão do trabalho doméstico e cuidados dos filhos, o que pode justificar esse maior envolvimento paterno na vida da criança.

Uma vez que as competências sociais correspondem ao conjunto de competências necessárias para a manifestação de interações recíprocas com outras pessoas (Mcdowell e Parke, 2009) e como vimos, a interação com o pai é promotora das competências necessárias para o estabelecimento de interações com o mundo externo, preparando a criança para a aquisição de competências necessárias para o estabelecimento de interações com o seu grupo de pares (Parke, MacDonald, Burks, Bharnagri, Barth, & Beitel, 1989), importa também

compreender como é que a relação pai-criança promove ou impede a aquisição dessas competências sociais ao longo do tempo (Rispoli et al., 2013).

Paralelamente, sabe-se ainda que os anos pré-escolares dizem respeito a um período chave do desenvolvimento onde são adquiridas e trabalhadas as competências essenciais para um sucesso académico e social no futuro (McCabe & Altamura, 2011). Como o primeiro ambiente não familiar, onde são fomentadas oportunidades para que as crianças se envolvam em interacções sociais, de forma a praticarem e aperfeiçoarem as suas estratégias sociais é, geralmente, o ambiente pré-escolar (McCabe & Altamura, 2011), percebe-se a necessidade de se estudar este tema numa idade tão precoce. Igualmente, a evidência demonstra também que a quantidade e tipo de investimento paterno varia conforme a fase de desenvolvimento da criança, e que os anos do pré-escolar são os anos onde existem maiores níveis de interacção pai-criança (Black, et al., 1999; Torres, Veríssimo, Monteiro, Ribeiro, & Santos, 2014), razão pela qual se torna ainda mais pertinente o estudo destas variáveis nesta faixa etária.

Com base no exposto, este trabalho tem como principal objectivo analisar numa amostra portuguesa o impacto do envolvimento do pai no desenvolvimento de competências sociais de crianças em idade pré-escolar. Neste caso, irei analisar o impacto da concordância/discrepância entre a percepção do pai sobre a sua participação e a percepção da mãe sobre a participação do pai em termos de papéis e responsabilidades a assumir por ambas as figuras parentais na prestação de cuidados e socialização da criança, na relação entre o envolvimento parental e competências sociais numa amostra portuguesa em idade pré-escolar.

Para tal, este trabalho divide-se em 3 partes: enquadramento teórico; estudo empírico e discussão. Na primeira parte apresenta-se uma breve introdução ao tema explorado e um enquadramento teórico mais profundo dividido em três partes que sustentam as hipóteses e objectivo do estudo: inicialmente é abordado o envolvimento paterno e as suas características (e.g. determinantes; problemas metodológicos), numa segunda fase é analisado o conceito das competências sociais na idade pré-escolar e por último, a relação entre o envolvimento paterno e o desenvolvimento da criança (especificamente das competências sociais).

A segunda parte deste trabalho é dedicada ao estudo empírico realizado (e.g. aspectos metodológicos e resultados) e a terceira e última parte dedicada a uma reflexão sobre as conclusões do estudo onde se apresentam também as limitações e são sugeridas possíveis investigações futuras.

Parte I: Envolvimento Paterno

CAPÍTULO I | Envolvimento Paterno

1. Ser pai no século XXI: um papel em mudança

Para uma melhor compreensão do envolvimento paterno actual é importante conhecer o seu envolvimento no passado e como está ligado às características sociais e demográficas dos pais e das suas famílias (Cabrera & Tamis-LeMonda, 2013). Segundo Lamb (2000), esta compreensão histórica do papel desempenhado pelo pai é fundamental porque, ao longo do século XX, a forma como a “parentalidade” foi operacionalizada ou implicitamente definida, mudou drasticamente.

Se recuarmos um pouco no tempo verificamos que, numa fase mais precoce, o papel do pai era visto como dominado pela responsabilidade da supervisão e ensino moral dos seus filhos, numa componente mais educacional (Lamb, 1992; Lamb, 2000; Lamb, 2004). Posteriormente, no Período da Industrialização, esta conceptualização ganhou um novo foco e foi substituída pela “paternidade como sustento económico” (e.g. embora isto não signifique que a anterior tenha sido totalmente esquecida, mas apenas que esta nova função do pai ganhou uma maior relevância em contraste às anteriores – Lamb, 1992; Lamb, 2000; Lamb, 2004). Mas se se pensava que estas alterações conceptuais ficariam por aqui, o fim da II Grande Guerra, trouxe um conjunto de mudanças sócio-culturais que contribuíram para uma nova conceptualização, onde a paternidade recebeu um novo foco centrado nos aspectos da masculinidade e dominância: “o pai enquanto modelo de tipificação sexual” (Lamb, 1992; Lamb, 2000; Lamb, 2004).

Assim, de acordo com Phares (1992), como até meados dos anos 70 a norma cultural ditava que era pouco masculino o homem envolver-se nos cuidados infantis, bem como à suposição de que os homens seriam mais difíceis de atrair e estariam menos disponíveis para participar em investigações e as formulações das teorias aceites na época (e.g. teoria freudiana, das relações objectais ou da vinculação) enviavam o pai para um “segundo plano” no desenvolvimento da criança (Lamb, 2000), os pais eram excluídos dos estudos sobre o desenvolvimento infantil, um domínio exclusivamente reservado às mães (Phares, 1992).

A partir da década de 70, surge um novo rumo na definição da paternidade, cada vez mais próxima da actual: o pai como progenitor activo envolvido nos cuidados dos filhos (Lamb, 1992; Lamb, 2000). Com efeito, a inclusão dos pais nas investigações sobre o desenvolvimento infantil nos anos 70 veio demonstrar a inadequação das teorias iniciais

acerca do papel dos pais limitações graves na metodologia utilizada (Lamb, 2000). Aos poucos, reemerge o uso de metodologias focadas nas características quantitativas do envolvimento (e.g., tempo do pai passado com os filhos) e amostras cuja figura parental estava ausente. No entanto, segundo Lamb (2000), essas investigações conduziram a conclusões precipitadas relativamente ao desenvolvimento infantil, uma vez que não reconheciam as diferenças na qualidade da interacção e salientavam o foco metodológico em componentes do envolvimento paterno que correspondiam a uma “interacção directa” (e.g. tempo com os filhos) ignorando outras formas de envolvimento igualmente importantes na relação com as crianças e mais indirectas, tais como o apoio económico ou emocional à mãe.

É apenas nos últimos 30 anos, que um conjunto de mudanças na sociedade desperta uma maior necessidade e interesse no estudo do papel do pai na dinâmica familiar (Afonso, et al., 2011; Lima, 2008). Destas, destaca-se a entrada massiva da mulher no mercado de trabalho que resultou na modificação das suas funções familiares, dada a necessidade de conciliar outras responsabilidades fora do núcleo familiar e o estabelecimento de um sistema de partilha das actividades domésticas com a outra figura parental: o pai (Cabrera & Tamis-LeMonda, 2013). Paralelamente, a generalização das famílias onde ambos os pais trabalham, as mudanças demográficas no perfil das famílias e o acréscimo de novas políticas sobre a família, deram origem a novos debates em torno do bem-estar das crianças (Lima, 2008), da família e do papel desempenhado por ambos os pais na educação e prestação de cuidados dos seus filhos (Cabrera & Tamis-LeMonda, 2013).

São estas mudanças que, segundo Lamb (1992), marcam a entrada naquilo a que designou de “uma nova era da paternidade”, caracterizada por uma alteração nas expectativas da sociedade relativamente ao papel paterno e consequentemente, pelo surgimento de “um novo pai”. Uma nova “idealização” contemporânea do pai, caracterizada por uma maior participação na vida dos seus filhos (e.g. maior envolvimento na prestação de cuidados e educação), onde a dimensão afectiva contrasta com a dimensão de suporte instrumental ou financeiro de outrora (Lamb, 1992). Assim, são as características deste “novo pai”, mais presente e afectuoso, capaz de combinar características típicas e tradicionalmente masculinas (e.g. disciplina e a autoridade) com especificidades frequentemente atribuídas ao género feminino (e.g. como a demonstração de afectos ou a prestação de cuidados), que permite a emergência de um novo ideal de “partilha parental”, onde a divisão de tarefas centrada no género vai perdendo terreno na vida familiar actual (Pimenta, Veríssimo, Monteiro, Pessoa & Costa, 2010).

Estas transformações e o surgimento das novas conceptualizações sobre os pais e as famílias, contribuíram, para o aumento significativo das pesquisas nesta área (Hawkins, Bradford, Palkovitz, Christiansen, Day, & Call, 2002; Lamb & Tamis-LeMonda, 2004), e a uma mudança no tipo de investigações realizadas, que passaram a focar-se cada vez mais na necessidade de determinar as semelhanças e diferenças entre o comportamento materno e paterno (Lamb, 2004). Neste sentido, um conjunto de estudos procurou investigar as competências relativas de mães e pais em relação às funções de cuidado e paternidade (Lamb, 2000; 2004), concluindo que, durante o período do nascimento e primeira infância da criança, não existem diferenças entre os pais e que ambos demonstram as mesmas competências parentais (igualmente boas ou igualmente más). O que viria a contrastar com crenças como a do “instinto maternal” ao defenderem que as competências parentais são adquiridas por ambos os pais na prática desses cuidados, e que uma vez que as mães passam mais tempo com os filhos a desenvolver essas competências, se tornam mais sensíveis às crianças e em maior sintonia, e que os pais, por falta de experiência, demonstram ser menos sensíveis e sentem menos confiança nas suas competências parentais. Concluindo assim que os papéis parentais tradicionais não são inerentes ao sexo dos progenitores, mas antes um produto do sistema cultural e da estrutura familiar tradicional (Lamb, 2000).

Com efeito, se como vimos, o aspecto fundamental, ou melhor dizendo, a “essência” da “paternidade” tem mudado, o envolvimento paterno tem sido estudado e interpretado de diferentes formas em diferentes momentos (Lamb, 1992). De facto, alguns autores já evidenciaram que o envolvimento do pai tem aumentado nas últimas décadas, embora existam algumas discrepâncias nas investigações contemporâneas acerca do papel do pai na vida familiar, dada a variabilidade individual nas formas, níveis e conceitos utilizados na área do envolvimento paterno (Beitel & Parke, 1998; Lamb, 2000; Cabrera & Tamis-LeMonda, 2013; Pleck, 1997; Roggman, Fitzgerald, Bradley, & Raikes, 2012). Estes dados, revelam ainda que não significa necessariamente que o maior envolvimento seja benéfico em todas as circunstâncias familiares, razão pela qual, segundo vários autores, se torna essencial reconhecer que os pais desempenham vários papéis e que a importância relativa dada a cada papel desempenhado varia de um contexto para outro (Lamb, 1992; Lima, 2008; Palkovitz, 2012). Por estas razões, este “novo pai”, tem de ser compreendido no seu contexto (e.g. enquanto sustento económico, acompanhamento moral ou apoio emocional da mãe – Cabrera & Tamis-LeMonda, 2013), tendo em conta que, os valores morais e expectativas da sociedade em relação aos pais, acompanham, igualmente, essas mesmas mudanças.

2. O que significa “envolvimento paterno”?

Como a parentalidade tem vindo a ser estudada a partir de uma diversidade de perspectivas, vários autores (Brown, McBride, Shin & Bost, 2007; Hawkins et al., 2002) apontam que um dos maiores desafios no seu estudo continua a ser a escassez de definições e teorias consensuais relativamente à investigação na área. Embora “envolvimento paterno” seja um conceito utilizado há mais de 25 anos, o facto dos investigadores ao longo das últimas décadas conceptualizarem e operacionalizarem “envolvimento paterno” primeiramente de um modo mais temporal (e.g. definido com base no tempo passado com a criança – Hawkins et al., 2002; Palkovitz, 2012), dificulta as comparações entre os estudos e as conclusões de teor explicativo têm de ser analisadas com alguma cautela (Cabrera & Tamis-LeMonda, 2013; Jacobs & Kelley, 2006; Lamb, 2000; Palkovitz, 2012).

Segundo Palkovitz (2012), o mais consensual sobre este fenómeno, é a necessidade urgente de uma conceptualização comum sobre a natureza, origem, recursos e significados do “envolvimento paterno”. O autor comenta que independentemente das disciplinas científicas, metodologias e definições utilizadas, antes de se estudar o significado de “envolvimento paterno” torna-se fundamental compreender o que é “ser pai”, afirmando que na essência de “ser pai” está um conjunto de relações (e.g. com a mãe, com a criança e parentes) e que o significado desse envolvimento pode ser diferente para cada parte envolvida, de onde decorre a necessidade de estabelecer uma definição que seja comum às diferentes fontes de informação dos estudos (e.g. mães, crianças, entre outros).

Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, e Lamb (2000) referem que embora existam várias definições, actualmente já é consensual que várias dimensões do envolvimento paterno fazem parte de um complexo e multifacetado sistema e que é necessário compreender como e porque é que essas dimensões mudam ou não ao longo do desenvolvimento da criança e do pai. Tal apenas será possível através do estabelecimento de conceptualizações igualmente abrangentes e multidimensionais deste fenómeno a que se tem designado “envolvimento paterno” (Hawkins & Palkovitz, 1999; Hawkins et al., 2002).

Assim, para facilitar a comparação dos estudos e compreensão deste fenómeno, vários autores defendem que numa fase inicial era necessário agrupar os estudos pelas suas semelhanças nas definições (Lamb, 1992). Para tal, Lamb, Pleck, Charnov e Lenie (1987) propuseram um modelo conceptual que depressa emergiu como um dos modelos mais aceites na investigação da área (Brown et al., 2007; Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010; Cabrera,

Fitzgerald, Bradley, & Roggman, 2007; Hawkins & Palkovitz, 1999; Jacobs & Kelley, 2006; Lima, Serôdio, & Cruz, 2011; Pleck, 2010) com base em três componentes do envolvimento paterno: (a) a *interacção directa*, que corresponde ao tempo passado em relação directa com a criança (e.g. alimentá-la; ajudá-la nos trabalhos de casa); (b) a *acessibilidade* que corresponde a actividades que envolvem menores graus de intensidade da interacção mas que pressupõe que os pais estejam acessíveis à criança para uma relação mais directa (e.g. estar na cozinha a cozinhar enquanto vê a criança a brincar numa divisão próxima) e por último, (c) a *responsabilidade* que diz respeito ao nível em que o progenitor assume, completamente, a responsabilidade pelo bem-estar e cuidados da criança assegurando que esta tem recursos para tal (e.g. saber quando precisa de ir ao pediatra, marcar a consulta e assegurar que chegue lá). Esta última é descrita, segundo Lamb (1992) como a componente mais importante de todas, já que muita da participação do pai na vida da criança não é realizada em interacção directa com a mesma. Nesse modelo, especificaram ainda quatro categorias que influenciam o envolvimento paterno onde se incluem: a *motivação* para estar envolvido na vida da criança; as *competências e confiança* no papel desempenhado enquanto “pai”; o *apoio social e stress* e, por último, *factores institucionais*, como por exemplo as características laborais.

No entanto, com vista a uma maior abrangência do conceito para fazer face aos vários papéis desempenhados pelos pais e às mudanças sociais mais recentes verificadas no seio familiar, alguns investigadores têm proposto novas reformulações conceptuais. Hawkins e Palkovitz (1999) acreditam que um foco na natureza e experiência das actividades do comportamento dos pais com os seus filhos (e.g. instrumentais, afectivas, sociais, cognitivas, entre outras) seriam mais indicadas para relacionar as dimensões do envolvimento paterno e os seus *outcomes*.

Posto isto, apesar das actividades e contextos de participação do pai apontarem para uma promoção do desenvolvimento da criança, vários autores (Cabrera & Tamis-LeMonda, 2013; Lamb, 1998; Lima, 2008), defendem que para se interpretar os debates contemporâneos sobre o sentido e natureza da paternidade ou as formas mais adequadas para explorar a influência do pai na família e no desenvolvimento da criança, mais do que a quantidade do envolvimento, é necessário uma maior compreensão na qualidade (e.g. natureza das actividades e interacções) ou na relação entre quantidade e qualidade no desenvolvimento da criança (Lamb, 2000; Palkovitz, 2012; Pimenta et al., 2010). Cabrera et al. (2000) acrescentam mesmo que características qualitativas das interacções com o pai, como afecto, sensibilidade e participação em interacções específicas são outros aspectos importantes do envolvimento paterno que não devem ser ignorados.

3. Diferentes formas de Envolvimento Paterno

Torres, et al. (2014) mencionam que, de uma forma geral, o conceito de “envolvimento paterno” tem sido descrito com base em dois componentes: *envolvimento directo e indirecto*. O primeiro, diz respeito a formas de interacção próximas com a criança (e.g. envolvimento na forma de brincadeira, cuidados ou disciplina) enquanto o segundo a formas de investimento que não exigem proximidade com a criança e que fornecem recursos não só para a criança, mas também para o pai (neste caso, acumulação de capital e meios de subsistência). Já Buckley e Schoppe- Sullivan (2010) descreve o envolvimento directo, como o envolvimento em actividades de cuidado tipicamente mais “maternas” como preparar lanches ou acordar quando a criança acorda à noite (e.g. mais consistente ao ideal contemporâneo de “coparentalidade”).

Radin (1994) alertou ainda para a necessidade de diferenciação entre *envolvimento absoluto* onde apenas é considerada a figura paterna (e.g. sem referência a qualquer outro membro familiar) por exemplo, no número de horas que o pai passa sozinho com a criança e o *envolvimento relativo* na qual se utiliza a comparação entre duas figuras cuidadoras, por exemplo na percentagem de tempo que cada uma despende no desempenho de uma função.

4. Interacção Materna vs Paterna

Cabrera, Fitzgerald, Bradley e Roggman (2007) desenvolveram um modelo dinâmico sobre as influências paternas no desenvolvimento da criança onde assumiam que os dois subsistemas parentais (e.g. o materno e o paterno) coexistem e complementam-se um ao outro. Assim, segundo este pressuposto, por um lado, ambos os pais envolvem-se em interacções semelhantes com os seus filhos que beneficiam (igualmente) de uma forma aditiva o seu desenvolvimento, mas também se envolvem em comportamentos parentais que se complementam e contribuem de forma distinta para futuros *outcomes*, geralmente, no desenvolvimento de competências sociais e interacções entre pares (Torres et al., 2012).

Como já foi mencionado, embora o pai, tal como a mãe, seja capaz de responder aos sinais e interagir com os seus filhos (Paquette, 2004), vários estudos indicam que os pais podem ser tão importantes como as mães no processo de estimulação e suporte no desenvolvimento dos seus filhos (Cabrera & Roggman, 2017). De um modo geral, a investigação relativa ao tema é consensual no reconhecimento que as interacções entre a díade mãe-criança, são bastante distintas das interacções entre a díade pai-criança (Cabrera, &

Roggman, 2017; John, Halliburton, & Humphrey, 2013; Torres et al., 2012) e parece ser importante mencionar algumas dessas diferenças ao nível das actividades e tipos de interacção (Afonso et al., 2011).

Se a investigação aponta para a tendência de uma maior presença dos pais na vida dos seus filhos, segundo Afonso et al. (2011) estas mudanças têm vindo a ocorrer de forma demorada visto que, de um modo geral, os pais continuam menos envolvidos que as mães na actividades de prestação de cuidados e mais envolvidos em actividades de carácter lúdico e de lazer, como as actividades de brincadeira (Afonso et al. 2011; Bretherton, Lambert & Golby, 2005; Lewis & Lamb, 2003; Meece, 2013; Paquette, 2004; Torres et al., 2012). Isto, no entanto, não significa que seja necessariamente negativo para a relação com a criança, uma vez que, segundo John et al., (2013), um estudo observacional demonstrou que embora os pais apresentassem menores valores no envolvimento em actividades diárias, recebiam valores mais altos na qualidade da brincadeira com os seus filhos que as suas mães, o que vai ao encontro de que do ponto de vista das crianças (e.g. sobretudo rapazes) os pais são descritos como “companheiros de brincadeira” (Paquette, 2004). Verifica-se assim que as mães passam mais tempo com os seus filhos e o tempo que é dedicado às actividades de brincadeira em relação aos outros tipos de actividades é proporcionalmente maior e mais importante para a figura paterna (Menashe-Grinberg & Atzaba-Poria, 2017; Paquette, 2004; Roggman, Boyce, Cook, Christiansen, & Jones, 2004).

Cabrera e Roggman (2017) afirmam que os pais brincam mais com os filhos e que essa brincadeira é caracterizada por maiores níveis de actividade, humor e espontaneidade, carácter mais físico (Bretherton 2005; Paquette, 2004) que reflecte geralmente actividade física/interacções lideradas pela criança (John et al. 2013) e por vezes até agressivo e disruptivo por meio de episódios de provocação (Torres et al., 2012), interacções que têm como objectivo encorajar a criança a explorar, tomar riscos e testar os seus limites (Cabrera & Roggman, 2017). Bureau, Yurkowski, Schmiedel, Martin, Moss, & Pallanca (2014) referem ainda, que dadas estas características da interacção, embora exista mais possibilidade dos pais provocarem maiores níveis de *stress* na criança através dos desafios e competição que estabelecem durante a brincadeira, são igualmente capazes em identificar esses sinais e ajudar a criança a regular as suas emoções nesse mesmo contexto. Paquette (2004) acrescenta que os pais têm uma função fundamental na preparação da criança para o mundo exterior, ao excitá-las e agindo como “companheiro de brincadeiras” e demonstram mais emoções positivas (e.g. afecto físico) e emoções negativas (e.g. irritação) para com a criança (John et al., 2013), enquanto as interacções mãe-criança tendem a ser caracterizadas pela estruturação da

brincadeira, condução do seu comportamento através do ensino e conversa empática e por isso são vistas como fontes seguras e de bem-estar, tendem a conter e promover o desenvolvimento interior da criança. John et al. (2013) resumiram mesmo que, apesar de ambos os pais utilizem *scaffolding*, as estratégias utilizadas são bastante distintas: as mães ensinam através de tarefas didáticas onde pedem que a criança complete tarefas (e.g. contar blocos) enquanto os pais motivam e desafiam a criança a dar “um passo mais além” comportando-se muitas vezes como “companheiros de brincadeira”.

Do ponto de vista comunicativo, também surgem diferenças que importam analisar (Lewis & Lamb, 2003). A mãe durante as interações recorre mais a objectos de mediação, através de uma postura mais tranquila (Afonso et al., 2011) promovida através de uma brincadeira mais didática e verbal centrada num objecto de brincadeira de forma a atrair e captar a atenção da criança através de brincadeiras mais cognitivas e educativas como o “jogo simbólico” (John, et al. 2013; Paquette, 2004). Por outro lado, o pai é mais imprevisível e estimulante (Afonso et al., 2011), através de interações sem objectos de mediação. Labrell (1996) refere mesmo que, quando os pais brincam com brinquedos, utilizam-nos como pretexto para o contacto físico e utilizam jogos mais inconvencionais que as mães (e.g. utilizam frequentemente os objectos de formas distintas à sua função) e que o “jogo simbólico” é utilizado não pelas suas características educativas, mas por ser mais divertido (John et al., 2013).

No que diz respeito ao tipo de discurso utilizado, ambas as figuras parentais utilizam frases curtas e acentuam a dicção, dando maior ênfase à imitação e redundância (Afonso et al., 2011; Lewis & Lamb, 2003; Meece, 2013). No entanto, as verbalizações das mães tendem a ter conteúdos relacionados com as emoções, enquanto os pais tendem a ser mais directos, muitas vezes sobre a forma de “ordens” (Torres et al., 2012). Existe também uma maior tendência dos pais utilizarem palavras desconhecidas e estimularem a criança a reformular os seus pensamentos para procurarem uma clarificação e serem compreendidos pelos pares. Igualmente, exigem mais actividades de resolução de problemas que as mães, que tendem a resolvê-los primeiro em vez de desafiar os filhos e por último, os pais tendem a fazer mais exigências relacionadas com a acção, nomeadamente na realização de tarefas. Estas diferenças comunicativas são visíveis num estudo realizado por Schwartz (2004) onde foram comparadas as estratégias de leitura em voz alta dos pais com os filhos (e.g. entre os 12 e 40 meses de idade) que demonstrou que, em comparação com as mães, os pais utilizavam estratégias de leitura mais literais caracterizadas por questões directas e fechadas que não permitiam elaborar as interações, enquanto as mães exploravam mais as respostas dos seus filhos.

Estudos recentes, revelam que existe uma associação entre a qualidade da interacção com a mãe e um conjunto de benefícios para a saúde, qualidade de vida e desenvolvimento da criança (Pridham, Lutz, Anderson, Riesch, & Becker, 2010; Eo & Kim, 2017). Importa salientar que a maioria explica os seus resultados a partir de um conjunto de comportamentos maternos sensíveis, responsivos e apropriados aos sinais da criança (Alvarenga, Paixão, Soares, & da Silva, 2018; Eo & Kim, 2017) que favorecem o estabelecimento de um ambiente seguro de exploração, a formação de vínculos afectivos e de relações interpessoais em geral (Alvarenga et al., 2018) promovendo assim valores positivos no desenvolvimento sócio-emocional, cognitivo, motor, ou até mesmo nas capacidades linguísticas das crianças (Bronstein, Putnick, Cote, Haynes & Suwalsky, 2015; Alvarenga et al., 2018).

Mas, se como vimos anteriormente, as interacções entre a mãe-criança e pai-criança diferem bastante em termos de qualidade e se por um lado, a interacção mãe-criança está associada à promoção do desenvolvimento da criança, torna-se no mínimo prudente, investigar os contributos da outra díade (e.g. “pai-criança”) no desenvolvimento infantil, uma vez que tal como a interacção com a mãe, esta possa desempenhar um papel único no desenvolvimento da criança (Anderson, Roggman, Innocenti & Cook, 2013; Meece, 2013).

Roggman e colaboradores (2004) apontam mesmo que as interacções com o pai podem ser mais do que “divertidas” e que ao promover uma maior variação de experiências de brincadeira proporcionam, igualmente, fontes únicas de estimulação tanto cognitiva como emocional e que ao longo da exploração do ambiente por parte da criança esta vai adquirindo e desenvolvendo tais competências. Lamb & Lewis (2010) consideram mesmo que os pais podem ter maior impacto que as mães nos domínios da socialização da criança que envolvem o estabelecimento de relações com o ambiente exterior à família e relações entre pares.

John et al. (2013) chegam mesmo a afirmar que a qualidade da brincadeira entre pai-criança (e.g. designada muitas vezes também como *Rough-and-Tumble Play*) é consistentemente associada a *outcomes* tanto positivos como negativos na criança. Já que Newland, Coyl e Freeman (2008) associaram que esse padrão de brincadeira sensível e activa aos sinais da criança, à vinculação com o pai no pré-escolar e adolescência, sendo que, quando incapazes de estabelecer essa relação, as crianças demonstraram maiores valores de agressão física e menores capacidades de regulação emocional no pré-escolar e anos posteriores. Igualmente, Shannon, Tamis-LeMonda, London e Cabrera (2002) indicaram que este estilo de interacção caracterizado por comportamentos responsivos, atenuação emocional e qualidade comunicativa era preditor das capacidades cognitivas da criança.

Outros autores associaram também que interações elaboradas e complexas com brinquedos entre crianças de dois anos com a figura paterna, eram preditoras de melhores competências linguísticas e regulação emocional (John et al., 2013) e que as estratégias de *scaffolding* características da interação com o pai estavam associadas ao desenvolvimento cognitivo, emocional e comunicativo da criança (Black, Dubowitz, & Starr, 1999; Conner, Knight, & Cross, 1997; John et al., 2013; Roggman et al., 2004).

Baker (2013) descobriu que os pais que interagem mais com os filhos em actividades como ler livros, cantar em conjunto ou contar histórias durante o período da infância, ao modelarem, ensinarem e reforçarem comportamentos positivos no contexto de uma comunicação familiar e actividades de aprendizagem, os seus filhos entravam para a escola com capacidades de leitura, matemática e mais competências socio-emocionais que os colegas. Roggman et al. (2004) acrescentam mesmo que as interações paternas em contexto de brincadeira estão associadas a um conjunto de comportamentos parentais que beneficiam o desenvolvimento infantil e que quando os pais demonstram esses aspectos (e.g. sensibilidade, ou afecto) estão a contribuir para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da criança. Por último, importa salientar que, tal como Afonso et al. (2011) mencionam, estas diferenças na interação também se traduzem no âmbito do envolvimento de cada progenitor na vida das crianças, visto que esse envolvimento é multifacetado e influenciado por múltiplos factores.

5. Factores que influenciam o Envolvimento Paterno

Secomo vimos, o envolvimento do pai tem influência no desenvolvimento da criança, quando se analisam estes fenómenos, não se pode ignorar o conjunto de factores que por sua vez poderão facilitar ou inibir este envolvimento (Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Costa, Torres, & Vaughn, 2010; Saracho, & Spodek, 2008). Assim, reconhecendo a importância de se abordar esse conjunto de variáveis e considerando o envolvimento paterno como resultado de um sistema de influências, dentro e fora do sistema familiar, torna-se essencial para uma boa compreensão deste projecto, uma pequena referência aos mesmos.

Belsky's (1984) distinguiu num modelo, três fontes de influência na qualidade parental: as características do pai/mãe (e.g. personalidade, atitudes face à educação, entre outros); as características da criança (e.g. temperamento, idade, sexo, entre outras) e fontes de *stress* e apoio contextual (e.g. relação conjugal, suporte social, experiências ocupacionais). Anos mais tarde, Doherty, Kounesky e Erickson (1998) consideraram que a “paternidade responsável” era influenciada por cinco domínios interdependentes: 1) características da mãe; 2) do pai; 3)

da criança; 4) relação co-parental e 5) factores contextuais ou sócio-demográficos. Para Le Camus (2003) os determinantes do envolvimento paterno podem ser distinguidos por vários níveis: individual (relação do pai com o seu próprio pai; motivação para se tornar pai), familiar (atitude da mãe, qualidade da relação conjugal), extracultural (suporte social, situação laboral) e cultural (expectativas face ao papel que o pai deve desempenhar). Por outro lado, mais recentemente, Cabrera et al. (2007) mencionaram outros factores como: a história da relação com os seus próprios pais; a história cultural (e.g. etnia), história biológica (e.g. psicopatologias) e por último, os factores contextuais próprios dessa relação (e.g. relação entre a mãe e o pai da criança, estatuto económico, organização familiar, rede de suporte – Cabrera e Tamis-LeMonda, 2013) ao qual Afonso et al. (2011) acrescentaram ainda as atitudes da mãe perante o envolvimento paterno e a qualidade da relação do casal.

Considerando a multiplicidade de factores supramencionados, apresentaremos de uma forma mais aprofundada as variáveis mais relevantes para o presente estudo: as variáveis sócio-demográficas, e a qualidade da relação conjugal.

Factores Sociodemográficos

Se por um lado, as características da criança, como o sexo (e.g. os pais tendem a envolverem-se mais com os filhos que com as filhas - Blair, Wenk, & Hardesty, 1994) ou a idade, afectam o modo como os pais interagem com elas e podem contribuir para explicar a variabilidade do envolvimento paterno no contexto familiar (Monteiro, et al., 2010), por outro, características do pai, como a sua saúde mental, também têm uma grande influência. Havendo estudos que indicam que pais que demonstram sintomas de depressão se envolvem em menores actividades e brincadeiras com os seus filhos (Roggman, Benson, & Boyce, 1999) ou se envolvem em mais interacções negativas (Lyons-Ruth, Wolfe, Lyubchik, & Steingard, 2002; Roggman, Boyce, Cook, Christiansen & Jones, 2007).

Mas se até aqui, temos insistido na relevância do estudo da qualidade do envolvimento, é importante ter em conta que, em certa medida, esta depende do tempo que o pai disponibiliza para interagir com a criança. Surgem então outros factores importantes como o número de horas de trabalho dos pais, uma vez que vários autores demonstraram que pais que passam mais horas no trabalho por semana, possuem menos tempo para se envolverem em actividades com os seus filhos (Crouter, Perry-Jenkins, Huston, McHale, 1987; Roggman et al., 1999) ou, como Coley e Chase-Lansdale (1999) demonstraram num estudo com pais Afro-Americanos, a educação e estatuto laboral do pai aumentava a sua probabilidade de

envolvimento na vida dos seus filhos ou, ainda, como a religião, porque pais mais religiosos (divorciados ou casados) se envolvem mais nas actividades quotidianas dos seus filhos (King, 2003).

Relação Conjugal

É consensual na literatura, que as interacções entre o pai e a criança podem ser afectadas por outras relações dentro e fora do seio familiar. Nomeadamente, as crianças experienciam os seus pais em diferentes configurações familiares dentro da própria família, seja como um todo, por díades (e.g. pai-criança) ou ainda por tríades como pai-mãe-criança (Neppl, Wedmore, Senia, Jeon, & Diggs, 2018). Como tal, vários autores afirmam que a relação entre o casal, seja ela mais conflituosa ou pacífica, pode afectar a forma como os pais interagem e brincam com os seus filhos (Doherty, Kouneski, & Erickson, 1998; Roggman, Boyce, Cook, Christiansen, & Jones, 2004). Autores como Neppl, et al. (2018) ou Easterbrooks e Emde (1988) chegam a afirmar que a qualidade da relação do casal e a qualidade da relação pai-criança estão positivamente relacionadas, já que as qualidades da primeira (como o afecto positivo e as estratégias de comunicação eficazes) se transmitem num fenómeno a que designam de *spill over*, a partir do qual influenciam a qualidade da segunda interacção que, por conseguinte, vai influenciar o desenvolvimento da criança.

Assim, embora o conflito conjugal possa ser transferido para a relação de qualquer um dos membros do casal com a criança, evidência existente sugere ser mais forte para os pais, ou seja, que os pais experienciam uma maior dificuldade em separar a interacção com o seu cônjuge da interacção com o filho (Erel & Burman, 1995; Krishnakumar & Beuhler, 2000; McCoy, George, Cummings, & Davies, 2013) isto porque, segundo Blair, Wenk, e Hardesty (1994), os homens tendem a ver o papel de marido/pai como uma unidade enquanto as mulheres como papéis distintos.

Neste sentido, vários autores concluíram que parceiros que estão satisfeitos e recebem apoio pelo esposo tendem a demonstrar maior disponibilidade e responsividade às necessidades dos seus filhos, enquanto esposos menos satisfeitos e conflituosos tendem a demonstrar uma menor disponibilidade emocional e responsividade (Sturge-Apple, Davies & Cummings, 2006), indo ao encontro de estudos realizados por Coley e Chase-Lansdale (1999), Lee e Doherty (2007) ou Nelson, Edin, e Clampet-Lundquist (1999) que concluíram que uma relação conflituosa entre o casal, estaria associada a menores níveis de envolvimento

paterno. No entanto, o estudo do impacto da satisfação e conflito do casal no envolvimento paterno não apresenta resultados consistentes se, tal como os autores supramencionados, King (2003), verificou no seu estudo que a qualidade da relação conjugal era preditora do envolvimento. Por outro, McKenry, Price, Fine e Serovich (1992) com uma amostra de pais divorciados sem custódia dos filhos, verificaram que a relação que os pais mantinham com a mãe da criança era responsável por facilitar a interação que estes teriam com os seus filhos, mas que curiosamente, a quantidade de contacto com as ex-esposas se revelou o único preditor significativo para o envolvimento paterno, enquanto que a variável de conflito não se mostrou significativa.

Igualmente, conflitos no casal estão associados de modo indirecto ao ajustamento social e académico da criança, através da qualidade das relações de pares ou de amizade e competência social (Bascoe, Davies, Sturge-Apple, & Cummings, 2009; Davies, Woitach, Winter, & Cummings, 2008; Katz & Low, 2004; Lindsey, Caldera, Ladd & Tankersley, 2009). Especificamente, tendo em conta estas múltiplas influências, Neppi, et al. (2018) num estudo, concluíram que uma interação positiva no casal estava indirectamente associada com o desenvolvimento das competências sociais da criança através da vinculação aos pais e do uso de práticas parentais positivas.

6. Estudo do envolvimento paterno: problemas metodológicos

Coley e Morris (2002) salientam que um dos grandes problemas que necessita urgentemente de ser ultrapassado no estudo do envolvimento paterno deve-se sobretudo a problemas metodológicos das suas investigações. A utilização de amostras pouco representativas da população (e.g. foco em casais que não estão casados, de estatuto social baixo, etc.) e as medidas utilizadas centrarem-se excessivamente em questões específicas de apoio financeiro ou horas de contacto com a criança, ignorando aspectos emocionais e comportamentais do envolvimento, são alguns dos problemas registados (Beitel & Parke, 1998).

Embora existam estudos sobre o tema que utilizam exclusivamente como fonte de recolha de informação as respostas dos pais (Jacobs & Kelley, 2006), grande parte das investigações têm por base relatos da mãe, o que tem implicações na generalização dos resultados e coloca em causa a validade e consistência dessas conclusões, isto porque, não escassas vezes, existe uma tendência das mães subestimarem o papel dos pais relativamente à

percepção do próprio (Coley & Morris, 2002; Charles, Spielfogel, Gorman-Smith, Schoeny, Henry, & Tolan, 2018; Seltzer & Brandreth, 1994).

Autores como Kamo (2000) ou Lee e Waite (2005) verificaram que, embora os maridos e as esposas atribuísem estimativas muito semelhantes no tempo despendido pelas mulheres no trabalho doméstico, divergiam nas estimativas das contribuições dos maridos. As mulheres faziam estimativas precisas sobre o tempo que os maridos despendiam em actividades de tarefas e cuidados do lar mas os homens sobrevalorizavam o tempo que dedicavam às mesmas.

Com base nestes resultados, Kamo (2000) identificou quatro tipos de discrepâncias entre a percepção do próprio na divisão de tarefas a percepção do esposo/a, nomeadamente: sobrestimação/subestimação feita pelo próprio ou sobrestimação/subestimação feita pelo esposo/a. Segundo o autor, estas discrepâncias podem ser explicadas por quatro razões distintas: deseabilidade social (ajustar as suas respostas para suportar uma ideia socialmente desejável ou “politicamente correcta”), ressentimento na tarefa (ambos podem sobrevalorizar as suas contribuições devido ao ressentimento de realizar determinada tarefa contra as suas crenças ou desejos), conhecimento insuficiente sobre o comportamento do esposo/a (as contribuições de um podem ser subestimadas pelo esposo/a devido à falta de conhecimento sobre o comportamento do mesmo) e por último, eficiência na realização dessas tarefas/prestação de cuidados (homens podem sobrestimar o tempo na realização de uma tarefa pela mulher e as mulheres subestimarem os maridos). Igualmente, dados indicam que a tendência de sobrestimação das contribuições do próprio resultante de enviesamentos de deseabilidade social parece ser mais evidente para os homens (Lee & Waite, 2005; Kamo, 2000).

Coley e Morris (2002), pioneiros no estudo das discrepâncias entre os relatos das mães e pais sobre o envolvimento paterno, identificaram que estas eram maiores em famílias cujo pai não vivia com a mãe da criança, era mais velho e quando a mãe era mais instruída ou estava empregada. Anos mais tarde, Mikelson (2008) verificou de novo esta tendência de subvalorização do envolvimento do pai por parte das mães, no entanto, a sua análise apresentou resultados inconsistentes visto que o conflito conjugal e a residência do pai eram preditores de uma maior discrepância nos relatos.

Embora, alguns estudos apontem para uma correlação entre as representações de ambos os pais sobre o envolvimento paterno (Pleck & Marciodrelli, 2004), Trembley e Pierce (2011) não eliminam a hipótese de resultarem de alguns dos enviesamentos supramencionados. Sabendo que é muito difícil eliminar de uma forma quase total os enviesamentos perceptuais

do casal ou do próprio no estudo do envolvimento paterno, certos autores consideram que estes devem ser apreendidos como representativas das percepções subjectivas de cada membro do casal, percepções influenciadas por inúmeros factores (atenção selectiva, motivação, atitudes) que geralmente beneficiam o próprio (Ross & Sicoly, 1979; Tremblay & Pierce, 2011).

Por estas razões, metodologicamente, é reconhecida a importância de se ter em conta a fonte dos dados obtidos, sendo que estudos onde existe apenas um único informante são geralmente reconhecidos como mais vulneráveis a enviesamentos de auto-relatos que podem inflacionar as correlações observadas entre as diferentes medidas utilizadas (Tremblay & Pierce, 2011). De forma a superar estes constrangimentos, vários autores têm adoptado métodos que permitem uma abordagem equilibrada e imparcial sobre o envolvimento paterno, através de medidas observacionais, entrevistas a casais (McBride et al., 2005) ou pela agregação dos relatos individuais das mães e dos pais (Tremblay & Pierce, 2011).

7. O Envolvimento Paterno em Portugal

Se por um lado, este é um campo que nos últimos anos tem despertado o interesse de vários investigadores de diferentes disciplinas e contextos culturais, em Portugal, pouco se pode dizer sobre o mesmo, uma vez que são muito poucos os estudos publicados e discutidos sobre o tema. Talvez esta escassa investigação, não seja resultado de uma falta de interesse geral pelos investigadores portugueses, mas pelo facto do cenário em Portugal, nos últimos 30 anos, não ter sofrido alterações sócio-demográficas tão salientes como outros Países Ocidentais.

Pimenta, et al. (2010) esclarecem que em 2002, no âmbito do inquérito internacional “Famílias e papéis de género”, a população portuguesa ainda percepcionava o trabalho materno como o factor negativo no estabelecimento de relações afectivas com os filhos, já que 78% das pessoas consideravam que as crianças sofriam quando a mãe trabalhava e 43% que deveriam ficar em casa até os filhos atingirem os 6 anos de idade. Na mesma linha, anos mais tarde, Monteiro, Veríssimo, Castro e Oliveira (2006), numa amostra de famílias bi-parentais onde ambos os pais trabalhavam a tempo inteiro, concluiu que embora existisse uma participação quase igualitária de ambos nas actividades de brincadeira e lazer, as mães continuavam como principais responsáveis pelos cuidados e organização das tarefas relacionadas com os filhos e apenas quando necessário, o pai assumia um papel de apoio à mãe, tendência verificada também por Lima et al. (2011).

Em Portugal os estudos mostram algumas inconsistências com a literatura de outros países. Se por exemplo, a evidência aponta que de um modo geral, existem diferenças no envolvimento paterno conforme o género da criança (e.g. os pais estão mais envolvidos e passam mais tempo com os filhos do mesmo género – Monteiro et al., 2010), em Portugal, Monteiro et al., (2006) e Monteiro et al., (2010) não identificaram essas diferenças. O mesmo se verificou na idade dos pais, enquanto certos autores (McBride, Brown, Bost, Shin, Vaughn, & Korth, 2005) apontam que os pais mais velhos tendem a envolver-se menos nos cuidados prestados, Lima (2005) verificou que numa amostra portuguesa, eram esses pais que apresentavam maiores níveis de envolvimento. Paralelamente, Paquette (2004) associou a partilha das responsabilidades parentais às classes médias.

Em contrapartida, num estudo recente, Monteiro et al. (2010) mencionam que os pais com habilitações superiores eram aqueles que apresentavam níveis de envolvimento mais elevados nos Cuidados Indirectos da criança, o que segundo Afonso et al., (2011) pode ser explicado por uma concepção menos rígida quanto à divisão das tarefas em função do género.

Com base nas sucessivas inconsistências mencionadas, salienta-se a necessidade de pesquisas relacionadas com o envolvimento paterno, em amostras portuguesas. Compreende-se assim o interesse e relevância da escolha deste tema, nesta população específica, não só para compreender melhor as razões por detrás de tais inconsistências, mas também para fomentar a implementação de possíveis medidas e intervenções que possam beneficiar não só os pais como os seus filhos.

CAPÍTULO II | Competências Sociais

1. Competências Sociais no Pré-Escolar

Fabes, Gaertner e Popp (2006), afirmam que embora existam inúmeras definições, “Competência Social” é um conceito muitas vezes descrito como o conjunto de habilidades/competências emocionais, cognitivas e sociais que facilitam uma interacção bem-sucedida com terceiros. Por outro lado, autores como Waters e Sroufe (1983) definem-na como a capacidade que o indivíduo tem em integrar a cognição, emoção e o comportamento em função dos seus objectivos pessoais e exigências do ambiente social em que está inserido de forma a aceder e controlar os recursos do ambiente social. Já Gadaire, Henrich e Finn-Stevenson (2017) e McCabe & Altamura (2011) preferem descrevê-la como a habilidade da criança formar relações seguras e próximas com adultos e o grupo de pares, experienciar,

regular e expressar emoções de forma socio e culturalmente adequadas, bem como explorar o ambiente e aprender.

Dado que todas estas definições apresentam aspectos em comum, importa salientar que essas capacidades que o indivíduo possui para o estabelecimento de relações interpessoais, segundo Rispoli, McGoey, Koziol & Schreiner (2013), são influenciadas por complexas relações entre a biologia, o ambiente e as relações mais próximas com as figuras cuidadoras e, por isso, devem ser realizados esforços para promover durante a primeira infância o desenvolvimento dessas mesmas competências por contribuírem para o sucesso académico e social posterior e que, quando esses mecanismos não são fomentados, o desenvolvimento é perturbado e as dificuldades funcionais em curso colocam as crianças numa trajetória de desenvolvimento negativa (e.g. McCabe & Altamura, 2011).

McCabe & Altamura (2011) referem que a competência social é geralmente resultado de capacidades sociais eficazes que determinam a capacidade em estabelecer relações com os pares e que a qualidade dessas relações resulta da forma como é feita a própria interacção. Consideram, que as relações entre pares são capazes de afectar o desenvolvimento futuro de competências sociais, ao aumentar ou diminuir oportunidades para futuras interacções, já que, crianças com sucesso interpessoal têm maior probabilidade de serem convidadas para futuras oportunidades de brincadeira pelos seus pares, enquanto crianças que cometem erros sociais têm maior probabilidade de serem rejeitadas em situações de jogo actuais e futuras (McCabe, 2005).

Mas, se tal como demonstrado acima, a investigação relacionada com as “competências sociais” não possui uma definição universal e que diferentes investigadores se focaram em diferentes aspectos deste conceito (veja-se a semelhança ao conceito “envolvimento paterno”), algumas centrando-se mais em componentes comportamentais (como cumprimentar um colega), outras em componentes mais afectivos (como a empatia) ou ainda outros em aspectos cognitivos como a resolução de problemas (Joy, 2016), importa identificar os principais domínios que têm sido mais estudados e associados à “competência social” (Fabes, Gaertner, & Popp, 2006).

Neste sentido, Gadaire et al. (2017) identificam que nos últimos anos as expectativas sociais têm sido relacionadas com a regulação emocional (e.g. curiosidade, atitude face à escola e auto-confiança), interacções cooperativas com os pares e adultos (e.g. partilhar) e auto controlo. Fabes, et al. (2006) e Hosokawa & Katsura (2018) salientam que a capacidade

da criança reconhecer e interpretar as emoções dos outros está relacionada com o desenvolvimento de respostas cooperativas, empáticas e pró-sociais (características-chave da competência social), e que as capacidades comunicativas como a Linguagem (e.g. capacidade de expressar e receber) estão também relacionadas com a competência social, uma vez que aumentam as oportunidades da criança se envolver em interações eficazes com o grupo de pares. No entanto, Junttila, Voeten, Kaukiainen e Vauras (2006) numa análise sobre os valores atribuídos por professores e pais identificaram duas dimensões da competência social: (1) comportamentos prosocial (e.g. regulação emocional abrangente, cooperativa) e (2) comportamentos antisocial, indicativos de um baixo auto-controlo.

Fabes, et al. (2006) apontam ainda que as interações diárias com a família promovem oportunidades saudáveis para a criança observar, aprender e praticar as suas competências interpessoais, internalizando um conjunto de valores e lições aprendidas neste contexto, que posteriormente pode generalizar para outras situações sociais e que, conseqüentemente, contribuem para o sucesso de interações sociais futuras. Dito isto, os pais tornam-se assim figuras-chave no desenvolvimento social das crianças, ao ensinarem explicitamente as regras e expectativas sociais do comportamento ou ao facilitarem oportunidades e experiências para que a criança tenha interações com os pares, na qual, através de diferentes estratégias de *scaffolding* apoiam as tentativas de envolvimento da criança e resolução de conflitos.

A entrada para o pré-escolar corresponde a um período de extrema importância para o desenvolvimento porque traz consigo um conjunto de mudanças críticas no contexto social e ecológico da criança que aumentam as exigências e os níveis de *stress* para que se comportem e ajam de forma socialmente adequada com os outros, nomeadamente, com o grupo de pares (Fabes, et al., 2006). Os autores consideram ainda, que a relação entre competência social e interação com os pares é complexa e recíproca, no sentido em que crianças socialmente competentes tem interações positivas com os seus colegas e, quanto mais interações positivas com os pares tiver, maior será a sua competência social, ao manter e facilitar o contacto social, as competências e experiências de socialização.

Vários autores acrescentam mesmo que uma interação bem sucedida com os pares na idade pré-escolar “amortece” problemas de comportamento, académicos ou sociais nos anos posteriores (Joy, 2016; McCabe & Altamura, 2011; Rispoli et al., 2013). Existe mesmo evidência de que níveis baixos de competência social nesta idade são preditores de problemas de internalização e externalização, bem como dificuldades académicas a longo prazo e que a

promoção destas competências está associada a maiores níveis de envolvimento académico, uma vez que as crianças com interações positivas com os pares, são mais positivas sobre a aprendizagem ao apresentarem um maior número de comportamentos como motivação, atenção e persistência que crianças que expressam dificuldades na interação com os pares (Rispoli et al., 2013). Paralelamente, crianças que demonstram problemas como impulsividade nesta idade apresentam comportamentos mais disruptivos com o grupo de pares e são percebidos como menos populares quando atingem a idade escolar (Fabes, et al., 2006; Rispoli et al., 2013). Joy (2016) acrescenta que a competência social também influencia a auto-estima (e.g. crianças com baixa competência social, possuem baixa auto-estima o que contribui para a vitimização) contribuindo para efeitos negativos a longo-prazo (e.g. *bullying*). A autora salienta ainda que crianças com défices na competência social podem estar expostas a riscos a longo prazo, que podem incluir: problemas de comportamento, abuso de substâncias, violência, delinquência juvenil e comportamento anti-social.

Neste sentido, Veziroglu-Celik e Acar (2018) adicionam que a capacidade de empatia com o grupo de pares ou de regular as emoções e comportamentos estão relacionadas não só com a competência social, mas também a maiores níveis de saúde, situações laborais e menor participação em comportamentos delinquentes no futuro.

Importa ainda referir os factores contextuais que podem influenciar a aquisição ou não destas competências, já que contribuem também para as diferenças para aquilo que é considerado um comportamento socialmente competente (Fabes, et al., 2006). Os autores, referem ainda que os factores contributivos para a aquisição de uma competência social positiva em culturas tão distintas como a Americana e a Japonesa diferem devido aos valores e práticas a que as crianças estão expostas desde pequenas. Por exemplo, se na primeira é incentivada a autonomia e independência da criança como elementos eficazes para o comportamento social, na segunda, a representação da competência social passa pela capacidade de estar conectado com os outros e pertencer ao grupo.

CAPÍTULO III | Envolvimento Paterno e Competências Sociais

1.0 envolvimento Paterno e o desenvolvimento da criança

Segundo Roggman et al., (2004) o desenvolvimento infantil é promovido por um conjunto de interações desenvolvidos geralmente num contexto de interações de brincadeira que ocorrem com os adultos mais disponíveis: o pai e a mãe. É através destas primeiras

experiências com as figuras parentais que a criança vai iniciar um processo de construção de um modelo interno do *self*, do outro, e da relação entre ambos, que mais tarde será transferido para as suas relações futuras através das crenças, expectativas e atitudes perante essas mesmas relações (Afonso et al., 2011). É assim, que os pais influenciam de uma forma distinta e combinada o desenvolvimento social da criança (Torres et al., 2012) e por estas razões, não há dúvidas de que a família deve ser considerada como um dos principais “agentes” do desenvolvimento social da criança (Buckley & Schoppe- Sullivan, 2010; Torres et al., 2012) e, por isso, torna-se essencial estudar o impacto da participação e envolvimento de cada figura parental na vida da criança, de forma a identificar-se quais as suas principais diferenças e benefícios no seu desenvolvimento (Finley, Mira, & Schwartz, 2008).

Certos autores mencionam ainda que as interações pai-criança e os seus significados são influenciados por “correntes emocionais” ao longo do tempo, bem como estados de humor, expectativas e percepção das necessidades da criança, pelo que, as contribuições do envolvimento paterno se caracterizam por serem cumulativas, irregulares e mudarem ao longo do tempo conforme o desenvolvimento do pai, da criança e outros contextos relacionais (Palkovitz, 2012).

Torres, Veríssimo, Monteiro, Ribeiro e Santos (2014) revelam que existe vasta literatura que suporta que o envolvimento paterno tem efeitos positivos a nível cognitivo, social e emocional da criança, embora seja importante ter em conta que muitas das associações encontradas são específicas a determinados *outcomes* ou restritos a subgrupos específicos (e.g. famílias de baixo estatuto económico).

O estudo do impacto das interações com o pai nas crianças tem sido estudado com base em duas perspectivas: (a) perspectiva da vinculação, cujas pesquisas se focam na relação entre a vinculação pai-criança e adaptação social ao grupo de pares e (b) a perspectiva da interação pai-criança cujas pesquisas se focam frequentemente na interação de brincadeira e na sua ligação com as relações da criança no grupo de pares (Torres et al., 2012)

Com base na primeira perspectiva, Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Costa, Torres e Vaughn (2010) concluíram que quanto maior o envolvimento paterno, mais facilmente a criança utilizava o pai como base segura na exploração do ambiente o que, segundo Grossman et al. (2002), é um aspecto central no desenvolvimento social da criança. No mesmo sentido, vários estudos associam o envolvimento e vinculação paterno com o desenvolvimento de competências sociais nas crianças (Nugent, 1991; Yogman, Kindlon, & Earls, 1995; Roggman et al., 2004), onde as interações de brincadeira com o pai estão associadas às relações das crianças no seu grupo de pares e na capacidade de regulação emocional

(Roggman et al., 2004). Neppl, et al. (2018) acrescentam que vários estudos indicam que práticas parentais positivas estão associadas a maiores níveis de competência social nas crianças. Baker (2017) defende mesmo que um contexto marcado por relações responsivas e calorosas com os pais fomenta a aquisição de novas competências cognitivas, sociais e emocionais na criança. O autor sugere ainda que quando os pais se envolvem em interações consistentemente afectuosas (e.g. abraços e beijos) as crianças possuem um vocabulário, linguagem e competências interpessoais mais avançadas em comparação a crianças cujo ambiente familiar não proporciona estas características.

Por outro lado, com base na segunda perspectiva referida (e.g. perspectiva da interacção pai-criança), Paquette (2004) descreve um processo que designa de *activação da relação pai-criança*, onde enfatiza o papel da importância das interações de brincadeira com o pai, enquanto contexto vital para o desenvolvimento de um processo de uma “situação de risco” ao medir o apoio no sistema de exploração, promovendo a estimulação e disciplina: preditores da competência social da criança.

De um modo geral, Buckley e Schoppe- Sullivan (2010) evidenciam que crianças com pais envolvidos mostram benefícios que persistem, mesmo quando controlando o envolvimento materno, nomeadamente: maior competência cognitiva, auto-estima, desempenho académico, menos problemas de comportamento e maior competência social com os pares e irmãos. Igualmente, Cabrera et al. (2000) mencionam que numa meta-análise recente, o envolvimento paterno estava associado a efeitos positivos quando a relação com a criança era de suporte e a calorosidade/proximidade dessa relação servia como mediador do envolvimento paterno. Outros autores destacam como consequências do envolvimento do pai menos problemas (Aldous & Mulligan, 2002) e maior controlo no comportamento (Baker, 2017) na infância e mais atitudes escolares positivas na adolescência (Flouri, Buchanan, & Bream, 2002). Por outro lado, Torres et al. (2012) acrescentaram que as crianças em que os pais respondiam com afecto negativo ao seu afecto negativo, evitavam os colegas, partilhavam menos e eram mais agressivas verbal e fisicamente.

Para Torres et al. (2014), uma vez que as crianças de hoje, na idade pré-escolar passam grandes períodos de tempo ao cuidado de profissionais, são desafiadas pelas relações com os pares e, uma adaptação competente ao grupo de pares demonstrou ser um precursor de grande importância para o desenvolvimento de trajetórias em áreas como a regulação emocional, resultados académicos, adaptação social e saúde mental. Hawkins (1999) aponta que diversos autores (e.g. Biller, 1993; Blankenhorn, 1995; Lamb, 1997; Parke 1997; Pleck, 1997) associaram o envolvimento paterno (ou falta dele) à auto-aceitação, sentido de segurança,

depressão, identidade de género positiva, sentido de independência, auto-controlo, empatia, responsabilidade moral, curiosidade, competências de resolução de problemas, sucesso académico e ocupacional, competências físicas, imagem corporal saudável e capacidade de intimidade na criança e, ainda, a comportamentos de risco ou de delinquência na adolescência.

Há relatos que quando o grau de envolvimento parental não é congruente ou as práticas parentais não são adequadas às necessidades da criança, esta ficará mais vulnerável a práticas disfuncionais no contexto exterior, sendo que o oposto ao actuar como factor de protecção face a ameaças presentes no contexto extrafamiliar irá fomentar relações sociais saudáveis (Afonso et al., 2011). Igualmente, a exposição precoce à pobreza, o baixo nível de educação e a idade dos pais (geralmente quando são adolescentes) já foram associadas à qualidade do ambiente de aprendizagem em casa, afectuosidade, disciplina e desenvolvimento da criança (Davis-Kean 2005; McLoyd 1998).

Pleck (1997) vai mais longe ao concluir que as crianças que apresentavam uma elevada competência cognitiva, empatia, um grande *locus* de controlo interno e menos crenças acerca dos estereótipos, eram crianças cujo envolvimento paterno era regular. Baker (2017) acrescenta ainda que estas crianças possuem mais capacidades de aprendizagem.

No entanto, importa reconhecer que o impacto do envolvimento da figura paterna não se estende unicamente ao período da infância e adolescência, existindo embora em menor quantidade, evidência que a qualidade do envolvimento do pai tem um impacto importante no desenvolvimento social da criança a longo-prazo, nomeadamente, maior saúde mental (Wenk, Hardesty, Morgan, & Blair, 1994), mais capacidades empáticas (Torres, e tal., 2012) e maior sucesso económico e educacional (Harris, Furstenberg, & Marmer, 1998) na vida adulta.

Pertinência do Estudo

Havendo evidência sobre os contributos no desenvolvimento da criança, das interacções com o pai, importa reconhecer os inúmeros factores que influenciam essa participação. A investigação tem definido que para além das características da criança, o envolvimento paterno pode ser influenciado pela relação conjugal entre o pai e a mãe, e que a desarmonia neste subsistema familiar pode desencadear problemas de comportamento ao afectar a qualidade da relação pai-criança (Erel, & Burman, 1995).

Coley e Morris (2002) salientam que é ainda necessário compreender as condições que aumentam ou diminuem a concordância do casal sobre este tema, Charles, et al. (2018) acrescentam mesmo que as discrepâncias nos relatos variam conforme as dimensões do envolvimento que estão a ser exploradas e da natureza entre a relação do pai e da mãe da criança (e.g. relacionada com a qualidade da relação conjugal), e que por essa razão, se torna essencial o uso de uma unidade de medida que interprete o envolvimento paterno como um construto multivariado.

Assim, com base no exposto, na procura de uma melhor compreensão do envolvimento parental, procuraremos, considerando as percepções das mães e dos pais sobre a participação do pai na prestação de cuidados e socialização desempenhado na vida da criança, compreender quais os factores (da criança e dos pais) que estão relacionados com o nível de envolvimento e discrepância entre os relatos do casal, bem como a forma como estes estão relacionados com o desenvolvimento de competências sociais das crianças em idade pré-escolar.

Parte II: Estudo Empírico

OBJECTIVOS

Este trabalho tem como principal objectivo analisar numa amostra portuguesa o impacto do envolvimento do pai no desenvolvimento de competências sociais de crianças em idade pré-escolar. Neste caso, será analisado o nível de concordância do casal (e.g. concordância/discrepância entre a percepção do pai sobre a sua participação e a percepção da mãe sobre a participação do pai em termos de papéis e responsabilidades a assumir por ambas as figuras parentais na prestação de cuidados e socialização da criança) e qual a sua relação com o envolvimento parental e competências sociais numa amostra portuguesa em idade pré-escolar.

As questões de investigação colocadas são:

Q1: Verificar se um maior envolvimento do Pai está associado a uma maior demonstração de competências sociais das crianças em idade pré-escolar.

Q2: Saber se uma maior concordância no casal (nos seus relatos relativamente às suas percepções de envolvimento) está mais relacionada com a competência social das crianças (aqui não será quanto mais envolvido o pai está, mas a concordância do casal ou não).

Q3: Verificar se a concordância do casal está associada ao maior envolvimento do pai na vida da criança (não apenas nas actividades de lazer e brincadeira). Espera-se que uma maior concordância no casal esteja associada a um maior envolvimento do pai nos vários domínios da vida da criança.

MÉTODO

1. Desenho da investigação

A presente investigação corresponde a uma abordagem quantitativa, operacionalizada num desenho metodológico de carácter exploratório, transversal e correlacional. Com o principal objectivo de averiguar a relação existente entre o envolvimento paterno nos cuidados diários numa amostra de criança em idade pré-escolar, e as suas competências sociais, verificando qual o papel desempenhado pelo nível de concordância do casal sobre a

participação do pai em termos de papéis e responsabilidades a assumir na vida da criança, tanto no envolvimento paterno como nas competências da criança.

O estudo foi composto por um único momento de avaliação, através da aplicação de questionários de autoresposta aos pais e educadoras da criança, com posterior análise estatística dos dados, que possibilitaram uma análise descritiva e correlacional das variáveis avaliadas.

2. Participantes

Nesta investigação participaram 55 famílias portuguesas compostas por 55 mães e apenas 48 pais. Das mães, cerca de 39 eram casadas (70,9%), 9 (16,4 %) viviam em união de facto, apenas 4 eram solteiras (7,3%) e 3 divorciadas (5,5 %). Dos pais, 36 (65,5%) eram casados, 9 (16,4%) viviam em união de facto e apenas 2 (3,6%) eram divorciados. As mães tinham idades compreendidas entre os 30 e os 48 anos ($M=39,29$, $DP= 3,60$) e os pais entre os 33 e os 57 anos ($M= 41,35$, $DP= 4,73$). As mães tinham entre 1e 6 filhos ($M= 2,11$; $DP= 1,21$), e os pais entre 1 e 5 filhos ($M= 2,10$; $DP= 1,12$).

As habilitações académicas das mães variavam entre possuir o 3º Ciclo do Ensino Básico (9 anos) e Doutoramento (21 anos). A maioria das mães possuía uma licenciatura (50,9%) ou pós graduação (21,8%) e apenas 8 (12,8%) possuíam uma formação académica igual ou inferior a 12 anos. Igualmente, a maioria dos pais possuía uma Licenciatura (34,5%), e as habilitações variavam entre possuir o 3º Ciclo do Ensino Básico (9 anos) e Doutoramento (21 anos), sendo que apenas 9 (16,7%) apresentavam uma formação académica igual ou inferior a 12 anos (Ensino Secundário). Em termos de situação profissional os pais variavam entre trabalhadores por conta própria/isolado (25,5%) ou trabalhadores por conta de outrem (60%), por outro lado, as mães variavam entre estarem desempregadas (3,6%) e serem trabalhadoras familiares não remuneradas (7,4%) sendo que a maioria trabalhava por conta de outrem (72,2%) ou por conta própria/isolado (16,7%). Cerca de 89,1% das mães eram Portuguesas e 85,5% residia na área de Lisboa, sendo que as restantes viviam entre Loures e Sintra. Todas as mães que participaram no estudo viviam com os seus filhos e cerca de 92,7% também viviam com o pai da criança identificada. Cerca de 81,8% dos pais eram Portugueses e 74,5% residia na área de Lisboa, sendo que as restantes viviam entre Loures e Sintra. Dos pais que participaram no estudo, 81,8% vivia com os seus filhos e cerca de 85,5% também viviam com a mãe da criança identificada.

Participaram no total 55 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos ($M=4,26$, $DP= 0,923$), sendo 30 (54,5%) do sexo feminino e 25 (45,5%) do sexo masculino. Destas, 15 crianças (27,3%) frequentavam a sala dos 3 anos, 23 (41,8%) a sala dos 4 anos e 17 (30,9 %) a sala dos 5 anos. Frequentavam todas Creches e Jardins de Infância do ensino privado do distrito de Lisboa, tendo as famílias sido recrutadas a partir dos mesmos, tratando-se por isso de uma amostra de conveniência. Participaram ainda 5 educadoras das respectivas crianças participantes.

3. Instrumentos

3.1. *Questionário Socio-demográfico da criança e dos pais*

Para obter os dados sociodemográficos relevantes relativos à amostra do estudo, foi construído para o efeito três questionários diferentes. O primeiro para identificar as principais características da criança (idade, sexo, ano que frequenta no pré-escolar e composição do núcleo familiar) e os outros para recolher informações sobre o pai e a mãe, relativas à idade, número de filhos, nacionalidade e zona de residência, habilitações académicas, estado civil, situação laboral, profissão actual, estado civil, e por último composição do núcleo familiar.

3.2. *Escala de Envolvimento Parental: Actividades de Cuidados e de Socialização* (Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008)

Para averiguar a percepção que o pai e mãe possuem da sua participação na organização e realização das actividades relacionadas com a criança no contexto familiar, foi aplicada a Escala de Envolvimento Parental: Participação em Actividades de Cuidados e de Socialização adaptada para a população portuguesa por Monteiro, Veríssimo, Castro e Oliveira (2006).

Esta escala está organizada num total de 26 questões por 5 domínios, cada um com um conjunto de itens que variam entre 4 e 7 itens. O primeiro domínio corresponde aos *Cuidados Directos* que é composto por 5 itens (e.g. 1, 2, 3, 4, e 6), que remetem para tarefas de cuidados que implicam interacção directa com a criança (e.g. Quem dá as refeições à criança); o segundo, *Cuidados Indirectos* remete para 7 itens (e.g. 5, 7, 8, 23, 24, 25 e 26) que se encontram ligados às tarefas de organização ou planeamento das necessidades e rotinas da criança, mas que não implicam uma interacção directa com a criança (e.g. quem costuma ir às reuniões de escola); o terceiro, designado *Ensino/Disciplina*, composto por 5 itens (e.g. 15, 16,

17, 18 e 19) que abrangem o ensino de competências, e o estabelecimento e cumprimento de regras (e.g. Quem ensina à criança novas competências, por exemplo a comer à mesa); o domínio da *Brincadeira*, composto por 5 itens (e.g. 11, 12, 13, 14 e 22) que remetem para diferentes actividades de brincadeira (mais tranquila/mediada por objectos e outras mais físicas bem como actividades lúdicas); já o último domínio *Lazer no exterior*, como o próprio nome indica, é composto por 4 itens (e.g. 9,10, 20 e 21) refere-se a actividades realizadas fora de casa com a criança (e.g. qual das figuras parentais leva o filho ao parque, etc.).

Este questionário representa a divisão ou partilha das actividades entre os dois pais porque permite aceder à participação relativa de uma figura parental em relação à outra, por essa razão, os pais são questionados independentemente numa escala *Tipo likert* de 5 pontos (e.g de (1) Sempre a mãe; (2) Mais Frequentemente a mãe; (3) Tanto a mãe como o pai; (4) Mais Frequentemente o pai; (5) Sempre o pai) que permite avaliar o envolvimento de um dos pais através da proporção de envolvimento que não é atribuída ao outro, por conseguinte, valores mais altos representam um maior envolvimento paterno.

Relativamente à Escala do Envolvimento, pela análise dos *Alphas de Cronbach*, para que, de uma forma geral, todas as dimensões apresentassem valores aceitáveis de fiabilidade para ambos os pais, foram excluídos na perspectiva da mãe o item 22 e na perspectiva do pai os itens 7, 8 e 14. Posto isto, analisando-se cuidadosamente, verifica-se que a distribuição se fez da seguinte forma: nos relatos das mães (*Cuidados Directos* – 0,795; *Cuidados Indirectos* – 0,699; *Ensino/Disciplina* – 0,781; *Brincadeira* – 0,738; e por último, *Lazer* – 0,645) e relatos dos pais (*Cuidados Directos* – 0,723; *Cuidados Indirectos* – 0,624; *Ensino/Disciplina* – 0,731; *Brincadeira* – 0,587; e por último, *Lazer* – 0,559). Tendo em conta os valores apresentados, verifica-se que o domínio da Brincadeira e Lazer no Exterior na perspectiva do pai foram os que apresentaram uma consistência fraca.

3.3. Versão reduzida da Escala de Avaliação do Comportamento e Competência Social (LaFreniere e Dumas, 1996; Santos & Veríssimo, 2008)

Para avaliar-se a competência social utilizou-se a adaptação do instrumento proposto por LaFreniere e Dumas (1996) adaptado por Santos e Veríssimo (2008) para a população portuguesa e designado de Escala de Avaliação do Comportamento e Competência Social.

Trata-se de uma escala composta por 30 itens divididos por 3 sub-escalas cada com 10 itens. A primeira sub-escala corresponde à *Competência Social* (e.g. itens

13,15,17,19,20,22,24,26,27,30), a segunda à *Agressividade* (e.g. itens 3,4,5,10,11,16,18,25,28,29) e a última, à *Ansiedade* (e.g. itens 1,2,6,7,8,9,12,14,21,23) geralmente preenchido pela educadora e pelos pais da criança de forma a aceder-se ao conhecimento de padrões de regulação de emoções, bem como às relações entre pares e entre professor - criança. Neste caso, este questionário foi apenas preenchido pelas educadoras das crianças.

Relativamente à Escala das Competências Sociais e de Avaliação do Comportamento, pela análise dos *Alphas de Cronbach*, verifica-se que, de uma forma geral, todas as dimensões apresentam valores fortes de fiabilidade (e.g. *Competências Sociais* – 0,918; *Ansiedade* – 0,927; *Agressividade* – 0,882), o que revela uma elevada consistência interna do instrumento utilizado.

4. Procedimento

A recolha de dados decorreu em diversos momentos. Numa primeira fase (entre Março e Abril) procedeu-se ao contacto de Jardins de Infância Particulares e Colégios privados da área de Lisboa, a fim de obter autorização por parte da Direcção para a realização do presente estudo. Após reuniões com as respectivas direcções e concedidas as autorizações, foi estabelecido o contacto com as educadoras de infância dos 3 aos 5 anos de cada jardim-de-infância/colégio, onde foi combinada a minha presença nas reuniões trimestrais de cada turma para explicar aos pais de forma mais detalhada a investigação.

Na reunião trimestral, aos pais que pretendessem participar no estudo, era entregue uma mica com um consentimento informado (onde se encontravam descritos os objectivos do estudo, procedimento e eram enunciados os princípios éticos que salvaguardavam os dados dos participantes: o princípio da confidencialidade dos dados – Anexo A), os questionários sociodemográficos e as escalas do envolvimento. Depois de responderem, o casal entregava a mica com as suas respostas à educadora que preenchia em formato papel um consentimento informado idêntico ao dos pais (Anexo B) e a sua avaliação face às competências sociais da criança em causa. No final de tudo isto, a educadora entregava-me a mica da respectiva criança onde acrescentava a sua avaliação. A aplicação dos instrumentos decorreu entre os meses de Abril e Julho de 2019.

Finalizada a recolha de dados, no sentido de responder directamente às questões de investigação, procedeu-se à análise quantitativa dos mesmos com recurso ao programa *IMB*

SPSS Statistics (Statistical Package for the Social Sciences) versão 25 para Windows, após introdução dos mesmos numa base de dados.

RESULTADOS

1. Análise descritiva do envolvimento Paterno da amostra nas duas perspectivas

O valor Global de Responsabilidade parental, calculado com base na média dos 26 itens é de 2,58 (DP=0,47) para a mãe e de 2,79 para o pai (DP= 0,28), valores que representam que, para ambos, é “Tanto o Pai como a Mãe” responsável pelas actividades referentes à criança identificada.

No entanto, através da análise das Médias e Desvios Padrão apresentados na Tabela 1, de acordo com a opinião das mães, a sua participação é partilhada nas actividades de Ensino/Disciplina (M=2,68, DP= 0, 52), Lazer no Exterior (M= 2,70, DP= 0,56) e Brincadeira (M=2,93, DP= 0,59), sendo as restantes tendencialmente da sua responsabilidade. Por outro lado, na perspectiva dos pais, existe uma partilha igualitária em todos os domínios.

Tabela 1 - Médias e Desvios Padrão do Envolvimento na Perspectiva Materna e Paterna

	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
	Perspectiva Materna		Perspectiva Paterna	
Cuidados Directos	2,38	0,66	2,53	0,62
Cuidados Indirectos	2,25	0,52	2,57	0,51
Ensino e Disciplina	2,68	0,52	3,05	0,40
Lazer no Exterior	2,70	0,56	2,95	0,45
Brincadeira	2,93	0,59	2,91	0,42

1.1. Análise descritiva bivariada: Correlações entre os domínios do Envolvimento e variáveis sociodemográficas nas duas perspectivas

De seguida, foi realizada a correlação entre a participação de ambas as figuras parentais nas cinco dimensões a analisar e as variáveis sociodemográficas, nomeadamente: habilitações, idade e número de filhos dos pais, sexo e idade da criança.

Na perspectiva das mães, foi encontrada uma correlação positiva significativa relativamente às habilitações dos pais e a dimensão de Cuidados Indirectos ($r= 0,287$, $p < 0,05$) e Lazer no Exterior ($r= 0,344$, $p < 0,05$), o que significa que, quanto maior as habilitações paternas, maior o seu envolvimento nesses domínios. Esta última tendência foi

replicada na perspectiva do pai, embora com correlações ligeiramente inferiores ($r= 0,360$, $p < 0,05$).

Quanto ao número de filhos, verificou-se, na perspectiva das mães, uma correlação significativa entre o número de filhos do Pai e o seu envolvimento nas actividades de cuidados directos ($r= 0,290$, $p < 0,05$), ou seja, quanto maior o número de filhos, maior a sua participação nesse domínio. Na mesma perspectiva, foram encontradas correlações significativas negativas com o número de filhos da mãe e o domínio do Ensino e Disciplina, ou seja, quanto maior o número de filhos da mãe, menor a participação neste domínio ($r= -0,293$, $p < 0,05$).

Nas duas perspectivas, não foram encontradas mais correlações significativas entre as habilitações académicas ou número de filhos dos pais, a idade dos pais, o sexo, ano do pré-escolar ou idade da criança e a participação de ambos nas actividades relacionadas com a criança.

2. Análise descritiva das competências sociais da amostra

Com base nas respostas das Educadoras, na Escala da Competência Social e de Avaliação do Comportamento verifica-se que do total das 55 crianças, as crianças com uma média mais elevada na dimensão das Competências Sociais foram as crianças mais velhas ($M= 4,95$; $DP= 1,08$) seguidas das crianças dos 4 anos ($M= 4,62$; $DP= 1,15$) e dos 3 anos ($M=3,73$; $DP= 0,68$). Contrariamente, verificou-se que as crianças com maiores níveis nos domínios da Ansiedade correspondem às mais novas ($M= 1,66$; $DP= 0,57$), seguida das mais velhas ($M= 1,45$; $DP= 0,60$) e por último as dos 4 anos ($M= 1,79$; $DP= 1,22$), sequência que se repetiu na componente da Agressividade.

Tabela 2 - *Médias e Desvios Padrão da Escala da Competência Social e de Avaliação do Comportamento por ano do Pré-Escolar*

Ano do Pré-Escolar		Média	DP
3 anos	Competências Sociais	3,73	,68
	Ansiedade	1,66	,57
	Agressividade	2,10	,74
4 anos	Competências Sociais	4,62	1,15
	Ansiedade	1,79	1,22
	Agressividade	1,99	1,06
5 anos	Competências Sociais	4,95	1,08
	Ansiedade	1,45	,60
	Agressividade	2,02	,93

De um modo geral, segundo as educadoras, as raparigas, em comparação com os rapazes, possuem valores superiores significativos nos domínios das competências sociais (M= 4,78; DP= 1,05) e agressividade (M= 2,06; DP= 1,07) (Tabela 3).

Tabela 3 - *Médias e Desvios Padrão da Escala da Competência Social e de Avaliação do Comportamento por sexo da criança*

	Média	DP	Média	DP
	Feminino		Masculino	
Competências Sociais	4,78	1,05	4,12	1,1
Ansiedade	1,67	0,98	1,63	0,82
Agressividade	2,06	1,07	2	0,74

Uma vez que não foram verificados os pressupostos para a realização do Teste One-Way ANOVA, recorreu-se ao Teste não-paramétrico Kruskal-Wallis H (Tabela 4), para se verificar a existência de diferenças significativas entre as competências sociais e o ano do ensino pré-escolar que as crianças frequentavam. Comprovou-se que existem evidências estatísticas para se afirmar que a Competência social é significativamente diferente em pelo menos um dos anos do ensino pré-escolar (Kruskal – Wallis H ₍₂₎ 11,92; p <0,01). De facto, verificou-se que a média dos postos atribuídos para as competências sociais variam entre os 16,30, 30,37 e os 35,12, revelando uma tendência para o aumento destas competências à medida que o ano do ensino pré-escolar aumenta, o que significa que, segundo as professoras, quanto mais escolarizadas as crianças, maiores os níveis de competências sociais.

Igualmente, quanto à idade da criança apenas se verificou uma correlação positiva significativa com a dimensão das competências sociais (r = 0,43, p < 0,01). Não foram encontradas mais correlações significativas entre o ano escolar ou a idade da criança e os domínios da Ansiedade (r = 0,01, p > 0,05) e Agressividade (r = 0,09, p > 0,05).

Para verificar se existem diferenças de género nas 3 dimensões avaliadas pelas educadoras, utilizou-se o Teste t para duas amostras independentes. Pelo teste Shapiro-wilk o pressuposto da normalidade só é verificado no sexo masculino no domínio das competências sociais (SW (25) = 0,978; sig= 0,840), por essa razão, uma vez que os pressupostos da normalidade foram violados, recorreu-se ao teste Mann-Whitney.

Tendo em conta o resultado obtido no último teste (Mann-Whitney $U = 248,00$; $z = -2,153$; $p < 0,05$), concluiu-se que na média das competências sociais atribuídas pelas professoras, existe uma diferença significativa conforme o género da criança, sendo a média atribuída às raparigas diferente da dos rapazes, valores visível nas médias obtidos (32,23 para as raparigas e 22,92 para os rapazes), tendência que não se verifica nos restantes domínios da escala da competência social e de avaliação dos comportamentos, já que as médias são muito semelhantes em ambos os sexos. Os resultados deste teste vão ao encontro da tabela descritiva realizada anteriormente (tabela 3)

3. Correlação entre Envolvimento e Escala das Competências Sociais e de Avaliação do Comportamento das Crianças

Nas duas perspectivas não foram visíveis correlações significativas entre os vários domínios do envolvimento e os da Escala das Competências Sociais e Avaliação do Comportamento.

4. Análise descritiva dos níveis de Concordância do Casal

Os níveis de concordância/discordância entre o casal sobre o envolvimento foram obtidos através da diferença entre cada domínio para as duas perspectivas. Assim, se o valor fosse positivo significava que o sujeito estava a favorecer-se em relação ao outro, negativo, que o outro estava a valorizar o sujeito e se o valor obtido fosse zero que o casal parental estava em concordância.

Desta forma, como é possível verificar na Tabela 4, segundo a perspectiva da mãe verifica-se que, de uma forma geral, o pai favorece a mãe em todos os domínios do envolvimento, excepto no domínio da Brincadeira, onde existe uma grande concordância entre os dois ($M = 0,07$; $DP = 0,98$). Observou-se também que existe um nível de concordância de 42,6% no domínio dos Cuidados Directos, 31,9% nos Cuidados Indirectos, 29,8% no Ensino e Disciplina, 40,4% no Lazer no Exterior e 34% na Brincadeira. Ainda na mesma perspectiva, verificou-se uma tendência de favorecimento dos pais para as mães de 34% nos Cuidados Directos, 48,9% nos cuidados Indirectos, 53,2 no Ensino e Disciplina, 44,7 % no Lazer no Exterior e por último 12,8 na Brincadeira. Assim com base nestes valores, conclui-se que existe um maior favorecimento do próprio (neste caso a mãe) no domínio da Brincadeira (27,6%), seguido dos Cuidados Directos, Indirectos, Ensino e Disciplina e Lazer.

Por outro lado, na perspectiva do Pai, assiste-se a uma tendência de concordância em todos os domínios do envolvimento, excepto no domínio da brincadeira onde as mães tendem a favorecê-los ($M = -0,07$; $DP = 0,98$). O nível de concordância foram muito semelhantes aos obtidos na perspectiva da mãe, sendo para os cuidados directos de 42,6%, no Ensino e Disciplina de 29,8%, no Lazer no Exterior de 40,4% e na Brincadeira 34%, a maior diferença verificou-se nos cuidados indirectos, onde nesta perspectiva, o nível de concordância foi de cerca de 51,1%. Verificou-se que a percentagem de favorecimento das mães para os pais foi cerca de 23,4% nos cuidados Directos, 19,1% nos Cuidados Indirectos, 17% no Ensino e Disciplina, 14,9% no Lazer no Exterior e de 27,7% na Brincadeira. Assim, com base nestes valores, conclui-se que comparativamente com as mães, existe uma maior tendência dos pais se sobrevalorizarem, sendo que é visível um maior favorecimento do próprio (neste caso o pai) no domínio do Ensino e Disciplina (53,2%), Cuidados Indirectos (48,9%), Brincadeira (38,3%), Directos (34%) e por último Lazer no Exterior (25,6%).

Tabela 4 - *Médias e Desvio Padrão do Nível de Concordância/Discrepância no Envolvimento, nas duas perspectivas*

		Cuidados Directos	Cuidados Indirectos	Ensino e Disciplina	Lazer no Exterior	Brincadeira
Perspectiva da Mãe	<u>Média</u>	-,09	-,19	-,27	-,18	,07
	Desvio Padrão	,36	,33	,43	,45	,98
Perspectiva do Pai	<u>Média</u>	,09	,19	,27	,18	-,07
	Desvio Padrão	,36	,33	,43	,45	,98

Para uma análise mais pormenorizada, analisou-se a Moda para cada item do questionário, separadamente para a mãe e para o pai. Os itens onde existem maior discordância correspondem aos itens: “1 - Quem dá as refeições ao seu filho” na qual a maioria das mães escolheu “mais frequente a mãe” e os pais consideram estarem partilhadas igualmente entre os dois; “7- Quem costuma comprar as roupas do seu filho”, na qual as mães consideraram “Sempre a Mãe” e os pais “Mais frequentemente a Mãe”; “14 – Quem faz jogos mais físicos com o seu filho (e.g. jogar à bola, andar às cavalitas, rolar no chão, etc), onde os pais consideram “Mais frequentemente o Pai” e as mães consideram igualmente partilhada entre os dois; “25 - A quem telefona a escola se algo se passar com o seu filho” cujos pais consideram estar igualmente partilhado entre os dois e as mães que é “Mais frequentemente a Mãe”.

Para cada perspectiva foram ainda calculadas as relações entre os níveis de concordância e as variáveis sociodemográficas dos pais, nomeadamente: idade, número de filhos, e habilitações académicas. No entanto, em ambas as perspectivas, não foram encontradas correlações significativas entre os níveis de concordância nos domínios do envolvimento e as variáveis sociodemográficas mencionadas.

5. Correlação entre a Concordância do Casal e as Competências Sociais

Para responder à segunda questão de investigação (e.g. saber se uma maior concordância no casal está relacionada com a competência social das crianças), foi realizada uma correlação de Pearson, para cada perspectiva. Nas duas perspectivas não foram encontradas correlações significativas entre o nível de concordância/discordância nos vários domínios do envolvimento e as competências sociais, ansiedade ou agressividade avaliadas pelas educadoras.

6. Correlação entre o Envolvimento Paterno e Concordância do Casal

Para verificar a terceira questão de investigação (e.g. verificar se a concordância do casal está associada ao maior envolvimento do pai na vida da criança (não apenas nas actividades de lazer e brincadeira). Espera-se que uma maior concordância no casal esteja associada a um maior envolvimento do pai nos vários domínios da vida da criança.

Na perspectiva da Mãe (Tabela 5), verificou-se uma correlação positiva significativa em todos os domínios do envolvimento e o nível de concordância do casal, excepto no domínio dos cuidados directos e brincadeira, na qual, apesar de existir uma correlação positiva, esta não é significativa. Estes resultados indicam que, segundo a mãe, quanto maior a concordância do casal, maior o envolvimento do pai nos vários domínios. Verifica-se ainda que as correlações mais fortes são no domínio do Lazer no Exterior e Ensino e Disciplina.

Tabela 5 - *Correlações entre os domínios do Envolvimento e o Nível de Concordância, na Perspectiva da Mãe*

	Domínios do Envolvimento				Brincadeira
	Cuidados Directos	Cuidados Indirectos	Ensino e Disciplina	Lazer no Exterior	
Níveis de Concordância	,23	,45**	,55***	,54***	,26

*p<.05, ** p<.01, *** p<.001

Na perspectiva do Pai (Tabela 6), apenas se verificou uma correlação positiva significativa entre os domínios dos Cuidados Directos, Ensino e Disciplina e Lazer no Exterior e os níveis de concordância do casal. As restantes, embora positivas, não foram significativas, sendo que a correlação mais forte foi no domínio do Ensino e Disciplina. Estes resultados indicam que quanto maior a concordância do casal nesses domínios, na perspectiva do pai, maior o envolvimento. É de realçar que embora os resultados sejam semelhantes aos da perspectiva da mãe, comparativamente, as correlações na perspectiva do pai são ligeiramente mais fracas em todos os domínios do envolvimento.

Tabela 6 - *Correlações entre o Envolvimento e o Nível de Concordância, na Perspectiva do Pai*

	Domínios do Envolvimento				
	Cuidados Directos	Cuidados Indirectos	Ensino e Disciplina	Lazer no Exterior	Brincadeira
Níveis de Concordância	,36*	,12	,49***	,44*	,08

*p<.05, ** p<.01, *** p<.001

DISCUSSÃO

Embora exista cada vez mais evidência que o envolvimento do pai tem aumentado nas últimas décadas (Lamb, 2000; Lima, 2008; Pleck, 1997), como referido, em virtude da variabilidade nas formas, níveis e conceitos utilizados, existem algumas discrepâncias nas investigações contemporâneas sobre o tema (Beitel & Parke, 1998; Saracho, & Spodek, 2008).

Assim, o presente trabalho teve como principal objectivo combater algumas dessas limitações apresentadas na literatura relativamente aos aspectos metodológicos das investigações realizadas sobre o envolvimento paterno. Desta forma, procurou-se expandir a literatura ao analisar, numa amostra portuguesa, o impacto do envolvimento do pai no desenvolvimento de competências sociais de crianças em idade pré-escolar, demonstrando a importância de incorporar nas investigações a opinião do pai e outras fontes de informação, para além da mãe, no estudo do tema.

Relativamente ao valor global de responsabilidade parental na perspectiva de ambos os pais, os resultados do presente estudo indicam uma participação partilhada nas actividades referentes à criança, o que contrasta com os resultados obtidos por Monteiro et al (2006), na qual, em ambas as perspectivas, a mãe era a principal responsável. Verifica-se assim, uma certa evolução relativamente ao estudo passado que traduz a aquisição de novos “ideais” face ao envolvimento paterno, já que vão ao encontro de uma mudança no papel do pai na vida familiar, cada vez mais co-responsável nos cuidados da criança (Lamb, 2004) e na aproximação ao ideal de “partilha parental” onde, a divisão baseada no género, aos poucos se vai diluindo (Monteiro et al, 2006).

No entanto, analisando cuidadosamente os resultados obtidos nas duas perspectivas, é essencial tecer algumas considerações. Os resultados obtidos na perspectiva do pai vão ao encontro das conclusões de Afonso et al. (2011), onde existe uma partilha em todos os domínios do envolvimento. Na perspectiva da mãe, verificam-se algumas diferenças, nomeadamente, no domínio dos cuidados indirectos (que remetem ao planeamento das necessidades e rotinas), na qual os autores verificaram uma tendência de partilha que neste caso não foi observada, uma vez que ambas as dimensões dos cuidados (directos e indirectos) são, tendencialmente da responsabilidade da mãe. Esta diferença nas perspectivas pode resultar do facto de, na perspectiva materna, o pai ainda assumir um papel de apoio à mãe apenas quando necessário, tendência verificada também por Lima et al. (2011).

Curiosamente, se certos autores concluíram que algumas características da criança, como o sexo (e.g. os pais tendem a envolverem-se mais com os filhos que com as filhas - Blair, Wenk, & Hardesty, 1994; Monteiro et al., 2010; Torres et al., 2012) ou a idade (e.g. quanto maior a criança, menor a participação dos pais – Afonso et al. 2011), afectavam o modo como os pais interagem com as crianças e podiam contribuir para explicar a variabilidade do envolvimento paterno no contexto familiar (Monteiro, et al., 2010), neste estudo, tal como em Monteiro et al. (2006), não foram encontradas, nas duas perspectivas, correlações significativas para as características da criança.

Por outro lado, para as características dos pais, replicou-se os resultados de Coley e Chase-Lansdale (1999) e Monteiro et al. (2010) na qual, na perspectiva das mães, quanto maior as habilitações paternas, maior o seu envolvimento no domínio dos Cuidados Indirectos, o que segundo Afonso et al., (2011) e Pimenta et al., (2010) pode ser explicado por uma maior abertura e menor rigidez à divisão das tarefas em função do género. Por outro, nesta investigação, como era esperado, esta tendência também se obteve para o domínio do Lazer no Exterior, o que poderá ser explicado não só pelo facto de, como referido, corresponderem a actividades e interacções tipicamente realizadas pelas figuras paternas, mas também pela menor rigidez dos horários, associada aos cargos e profissões da amostra, que possibilitam uma maior participação do pai na vida familiar. É de referir, que nesta amostra, as habilitações maternas não foram correlacionadas com o envolvimento nas duas perspectivas, o que contradiz os resultados obtidos por Monteiro et al. (2006).

Relativamente à idade dos pais, se os resultados desta investigação contradizem conclusões de certos autores como Lima (2005), McBride, et al. (2005) ou Monteiro et al. (2011) uma vez que nas duas perspectivas, a idade de ambos os pais não se correlacionou com o envolvimento, por outro lado, vão ao encontro das conclusões de Monteiro et al. (2006).

Quanto ao número de filhos, verificou-se, na perspectiva das mães, que quanto maior o número de filhos do pai, maior a sua participação nos cuidados directos e que, quanto maior o número de filhos da mãe, menor a participação no domínio do Ensino e Disciplina. Estes resultados podem estar relacionados com o facto das mães desta amostra estarem maioritariamente empregadas, e por isso, terem de conciliar o trabalho com a vida familiar e consequentemente exigirem uma maior partilha nas actividades de cuidados directos com os pais (Pimenta, et al., 2010) que aumentam, com as exigências ao nível de cuidados e supervisão em famílias com mais de um filho.

Analisando as respostas das Educadoras, verificou-se que a idade estava positivamente associada com a dimensão das Competências Sociais, onde as crianças mais velhas apresentavam valores superiores. Resultados consistentes com os de Diener e Kim (2004) ou Santos, et al. (2012), o que pode ser explicado pelo facto das crianças mais velhas no contexto pré-escolar terem acumulado mais oportunidades para alargar e construir as suas competências em função das suas experiências com o grupo de pares, relativamente às crianças mais novas, estão expostas ao contexto pré-escolar há menos tempo que as restantes (Santos, et al., 2012; Santos, et al., 2014).

As raparigas obtiveram valores superiores na dimensão das competências sociais e ansiedade, o que corrobora conclusões obtidas em investigações prévias (Diener & Kim, 2004). Curiosamente, nesta amostra, as raparigas apresentaram também valores superiores nas dimensões da agressividade, o que contrasta com os resultados obtidos em estudos anteriores, onde nesta dimensão, os rapazes apresentam valores superiores (e.g., Diener & Kim, 2004).

A primeira questão de investigação colocada, relativamente ao impacto do envolvimento paterno nas competências sociais, não foi confirmada, uma vez que, tanto na perspectiva da mãe como do pai, não foram visíveis correlações significativas. Estes resultados contrastam com as conclusões de Afonso, et al. (2011), na qual, tendo em conta os padrões de interacção com o pai, que preparam a criança para uma exploração ao representar o mundo externo e aquilo que é socialmente aceite, era esperado, que um maior envolvimento dos pais (sobretudo nas actividades de Lazer no Exterior, Ensino e Disciplina e Brincadeira) reflectisse maiores competências sociais da criança.

A análise das duas perspectivas (do pai e da mãe) face ao envolvimento paterno, permitiu também tecer algumas considerações importantes, relativamente ao nível de concordância entre o casal parental e, conseqüentemente, à validade dos estudos que têm apenas por base relatos de uma das figuras parentais. Em ambas as perspectivas, verificou-se níveis de concordância aceitáveis. Os valores inferiores na perspectiva materna podem estar relacionados com o facto de estas, percepcionarem que a participação do pai não é suficiente e desejarem um maior envolvimento (Monteiro et al., 2006).

Constatou-se ainda que, segundo a perspectiva da mãe, o pai favorece a mãe em todos os domínios do envolvimento, especialmente nos domínios do Ensino e Disciplina seguido dos Cuidados Indirectos, Lazer no Exterior, Brincadeira e Cuidados Directos. É de notar, que nesta amostra, o pai sobrevaloriza mais o cônjuge em actividades tipicamente associadas à

participação do pai na vida familiar. Nesta perspectiva verificou-se, ainda, uma maior tendência das mães se sobrevalorizarem no domínio da Brincadeira. Esta tendência poderá ser explicada pelo desejo que as mães têm de partilharem igualmente as actividades relativas à socialização e lazer com a criança.

Por outro lado, na perspectiva do Pai, com base nos valores obtidos, concluiu-se que, comparativamente com as mães, existe uma maior tendência dos pais se sobrevalorizarem em todos os domínios, sendo visível um maior favorecimento do próprio (do pai) no domínio do Ensino e Disciplina e Cuidados Indirectos, sendo que a tendência das mães sobrevalorizarem os pais, é maior no domínio da Brincadeira e curiosamente, nos cuidados directos. Estes resultados, corroboram as investigações de Kamo (2000) ou Lee e Waite (2005) na qual, enquanto as mulheres faziam estimativas precisas sobre o tempo que os maridos despendiam em actividades de tarefas e cuidados do lar, os homens sobrevalorizavam o tempo que dedicavam às mesmas. É de notar, que embora comprovem os resultados dos autores supramencionados, diferem das conclusões obtidas por Monteiro et al, (2006) numa amostra portuguesa, uma vez que os autores, concluíram que nenhum dos pais subestimou ou sobrestimou a sua responsabilidade nos diferentes tipos de actividades. No entanto, os itens onde se verificou maior discrepância entre os relatos, foram diferentes dos itens mencionados no estudo de Monteiro et al. (2006).

Tal como Pimenta e colaboradores (2010) mencionavam, o estudo da concordância torna-se pertinente, uma vez que a distância entre o casal parental pode dificultar a relação que estes estabelecem com a criança identificada, sendo que uma divergência significativa na percepção que cada um tem da distribuição de tarefas e responsabilidades traduzem a forma como o seu dia-a-dia é gerido em relação às crianças, o que pode suscitar tensões e conflitos entre os pais, que poderão ter consequências no funcionamento do sistema familiar, assim como no desenvolvimento socioemocional da criança. Desta forma, procurei verificar em cada perspectiva, a relação entre os níveis de concordância do casal e as competências sociais da criança descritas pela educadora. Era esperado que um maior nível de concordância no casal estivesse relacionado com níveis superiores na dimensão das competências, no entanto, para as duas perspectivas não foram encontradas correlações significativas entre o nível de concordância/discordância nos vários domínios do envolvimento e as competências sociais, ansiedade ou agressividade avaliadas pelas educadoras, pelo que, esta segunda questão não foi confirmada.

Por último, os resultados desta investigação, confirmam a última questão colocada, uma vez que, segundo a mãe, quanto maior a concordância do casal, maior o envolvimento do pai nos vários domínios do envolvimento, especialmente no Lazer e Ensino e Disciplina (excepto nos cuidados directos e brincadeira, onde apesar de se verificar a mesma predisposição, esta não se revelou significativa). Já na perspectiva do Pai, apesar de apresentar correlações mais fracas, o mesmo se verificou para os domínios dos Cuidados Directos, Ensino e Disciplina e Lazer no Exterior, sendo que as restantes não foram significativas. É de salientar que para ambas as opiniões, o domínio com relações mais elevadas foi o Ensino e Disciplina, o que poderá ser explicado pelo facto de ser um domínio onde existe uma maior partilha de responsabilidades e a tomada de decisão ser muitas vezes, conjunta, uma vez que se trata de assuntos relacionados com a educação dos filhos.

CONCLUSÃO

Após a análise e discussão dos resultados, pretende-se reflectir sobre as conclusões que esta investigação permite delinear. Em primeiro lugar, como principal conclusão do estudo assume-se que os resultados face ao envolvimento paterno dependem substancialmente da fonte de informação utilizada (a mãe ou o pai), bem como da definição do conceito e mensuração utilizada.

A incorporação da opinião do pai nesta investigação, permitiu combater algumas das limitações apresentadas na literatura relativamente aos aspectos metodológicos das investigações realizadas sobre o envolvimento paterno e tecer algumas conclusões relevantes. Desta forma, ao expandir as fontes de informação e analisando os níveis de concordância do casal parental, verificou-se numa amostra portuguesa, a tendência das mães subestimarem o envolvimento do pai e dos pais sobrevalorizam o seu envolvimento (Lee e Waite, 2005; Kamo, 2000;), o que significa que, estudos que utilizam apenas uma destas fontes de informação, contêm enviesamentos que podem comprometer substancialmente os resultados (Lee & Waite, 2005; Kamo, 2000).

Assim, tendo em conta as duas perspectivas verificou-se que, enquanto na opinião do pai, todos os domínios do envolvimento são partilhados entre as duas figuras parentais, na opinião das mães, as actividades de cuidados (directos e indirectos) são tendencialmente da sua responsabilidade, sendo as restantes partilhadas. O que demonstra que, embora a investigação anterior aponte para o surgimento de “um novo pai”, mais participativo e colaborativo na vida familiar (Lamb, 2000), os resultados desta investigação apontam que, o

aumento na participação e responsabilidades ao nível das actividades e cuidados da criança é ainda muito modesto. Apesar de o pai referir uma partilha igualitária em todos os campos, na opinião da mãe, continua a ser ela a principal responsável pelos cuidados.

Relativamente aos determinantes do envolvimento, tal como em Monteiro et al. (2006), não foram encontradas, nas duas perspectivas, correlações significativas para as características da criança (sexo, idade ou ano do pré-escolar). Por outro lado, para as características dos pais (habilitações paternas e número de filhos), replicou-se resultados de estudos prévios (e.g. Coley e Chase-Lansdale, 1999; Monteiro et al. 2010).

Embora, a investigação aponte para um impacto dos padrões de interacção com o pai na exploração e preparação da criança para o contacto com o mundo externo e o que é socialmente aceite (Afonso, et al., 2011), e consequentemente, uma relação entre o envolvimento paterno e o desenvolvimento da criança, nomeadamente das suas competências sociais na idade pré-escolar (Buckley e Schoppe- Sullivan, 2010; Monteiro et al., 2010; Roggman et al., 2004), os resultados obtidos nesta amostra, não permitiram replicar esta relação.

Uma vez que, segundo Pimenta e colaboradores (2010), uma divergência significativa na percepção que cada figura parental tem da distribuição de tarefas e responsabilidades em relação aos filhos, pode suscitar tensões e conflitos entre o casal parental - que poderão ter consequências no funcionamento do sistema familiar e no desenvolvimento socioemocional da criança - procurou-se verificar a associação entre os níveis de concordância do casal e as competências sociais da criança e o envolvimento parental. Contrariamente ao que se esperava, para as duas perspectivas não foram encontradas correlações significativas entre o nível de concordância nos vários domínios do envolvimento e as competências sociais, ansiedade ou agressividade avaliadas pelas educadoras. No entanto, a última questão colocada foi confirmada, uma vez que, segundo a mãe, quanto maior a concordância do casal, maior o envolvimento do pai nos vários domínios do envolvimento.

Reflectindo sobre as limitações do estudo realizado, parece importante referir alguns aspectos. A dimensão da amostra (N=55), composta por famílias de Classe Média/Alta, cujos pais possuem elevadas habilitações académicas, são maioritariamente casados e residentes da área metropolitana de Lisboa, não é representativa da população portuguesa, o que, condiciona a generalização dos resultados e conclusões realizadas. Neste sentido, a baixa variabilidade de dados que caracterizam a amostra, limitaram as análises estatísticas possíveis e, consequentemente, a informação obtida através do estudo realizado. Além disso, homens e mulheres com elevadas habilitações possuem geralmente atitudes mais liberais face ao papel

do pai e da mãe na vida familiar, bem como da divisão das tarefas e responsabilidades relativamente aos filhos, o que pode condicionar os resultados obtidos (Lee & Waite, 2005) e não traduzir fidedignamente a situação portuguesa.

Outra limitação subjacente a este estudo relaciona-se com o período em que se realizou a recolha de dados, uma vez que correspondeu aos últimos meses do calendário lectivo, o que condicionou o número de alunos presente nas aulas e a disponibilidade das educadoras para participarem no estudo, uma vez que corresponde a uma época de avaliações e preparação de festas de fim de ano e actividades externas. Talvez, se o contacto com as direcções tivesse sido realizado no início do ano lectivo (Setembro) e a recolha de dados iniciado em Janeiro, tivesse ocorrido uma maior adesão por parte das escolas contactadas.

Tal como Kamo (2000) mencionava no seu estudo, parece pertinente referir o possível impacto do factor de desejabilidade social nas respostas dos pais. Com efeito, este aspecto parece relevante na ponderação dos resultados alcançados, sugerindo que, o facto de ser solicitada a participação do casal parental na resposta a um questionário idêntico relativamente à divisão das tarefas de responsabilidade e envolvimento nos cuidados diários com a criança pode ter encorajado a que transmitissem uma imagem positiva de si próprios, atribuindo à investigação um carácter de avaliação ou juízo relativamente à sua “competência” enquanto pais ou à relação entre o casal. Além disso, a entrega directa das suas respostas à educadora dos seus filhos pode ter favorecido a ocorrência deste fenómeno, mesmo garantindo a confidencialidade da independência da investigação.

Assim, para fomentar um aprofundamento do tema em amostras portuguesas, parece importante identificar alguns aspectos relevantes em futuras investigações. Neste sentido, em primeiro lugar e tendo em conta que estes resultados demonstram que os relatos das mães e pais evidenciam elevados padrões de concordância, tal como Coley & Morris (2002) referiam, seria interessante, verificar se esses relatos prevêm o funcionamento família e desenvolvimento da criança. Desta forma torna-se fundamental investir nesta área, assim como, nos factores que podem reforçar ou enfraquecer as associações entre o envolvimento do pai e o desenvolvimento da criança, ao ilustrar a forma como a concordância/discrepância nos relatos das mães e dos pais podem afectar os estudos sobre o envolvimento (Mikelson, 2008), neste caso, tendo em conta que apenas a última questão de investigação foi confirmada, seria interessante incorporar em investigações futuras variáveis relacionadas com as características do casal (satisfação conjugal, entre outras) e que possam influenciar a concordância/discordância dos seus relatos. Posto isto, poderia ser igualmente importante,

verificar se o nível de concordância/discrepância é uma variável moderadora ou mediadora da relação entre o envolvimento e as competências sociais da criança.

Considerando as limitações metodológicas deste estudo e no geral, da investigação sobre o envolvimento paterno, já que não é possível determinar definitivamente se as mães subestimam os pais, ou se estes se sobrestimam (Mikelson, 2008) tendo em conta a riqueza e importância da metodologia de observação numa investigação, poderia ser interessante, inseri-la de modo a obter-se uma melhor análise e compreensão do constructo uma vez que, tornar-se-ia possível comparar os comportamentos observáveis descritos por observadores independentes e as perceções individuais que mães e pais têm sobre o seu próprio comportamento parental. No entanto, esta metodologia deveria ser utilizada como complemento a outras metodologias de carácter quantitativo, já que apesar de ajudar a contornar enviesamentos dessas metodologias, trás também ela, novas limitações, nomeadamente relacionadas com o fenómeno de desejabilidade social.

Por último, seria relevante replicar os estudos de Charles et al. (2016) e Coley & Morris (2002) para a população portuguesa, de forma a compreender os factores demográficos e sociais que prevêm uma maior discrepância entre os relatos, e assim expandir o conhecimento relativamente ao envolvimento paterno. Aqui, seria igualmente importante, a utilização da mesma definição e medida do envolvimento paterno, para as comparações entre os estudos serem mais fidedignas.

Referências

- Anderson, S., Roggman, L. A., Innocenti, M. S., & Cook, G. A. (2013). Dads' Parenting Interactions with Children: Checklist of Observations Linked to Outcomes (PICCOLO-D). *Infant Mental Health Journal, 34*(4), 339–351.
- Afonso, A., Veríssimo, M., Fernandes, M., Borges, P., & Monteiro, L. (2011). Associações entre o envolvimento paterno e a competência social de crianças em contexto pré-escolar. *Director-Editor, 15*(1), 43-60.
- Aldous, J., & Mulligan, G. M. (2002). *Fathers' child care and children's behavior problems. Journal of Family Issues, 23*, 624-647.
- Alvarenga, P., Paixão, C., Soares, Z. F., & da Silva, A. C. S. (2018). Impacto da saúde mental materna na interação mãe-bebê e seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil. *Psico, 49*(3), 317-327.
- Bascoe, S. M., Davies, P. T., Sturge-Apple, M. L., & Cummings, E. M. (2009). Children's representations of family relationships, peer information processing, and school adjustment. *Developmental Psychology, 45*, 1740–1751. doi: 10.1037/a0016688
- Baker, C. E. (2013). Fathers' and mothers' home literacy involvement and children's cognitive and social emotional development: Implications for family literacy programs. *Applied Developmental Science, 17*, 184–197.
- Baker, C.E. (2017). Father-Son Relationships in Ethnically Diverse Families: Links to Boys' Cognitive and Social Emotional Development in Preschool. *Journal Child Families Studies, 26*, 2335-2345. doi: 10.1007/s10826-017-0743-3.
- Beitel, A. H., & Parke, R. D. (1998). Paternal involvement in infancy: The role of maternal and paternal attitudes. *Journal of Family Psychology, 12*(2), 268-288.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Black, M.M., Dubowitz, H., & Starr, R.H. (1999). African American fathers in low income, urban families: Development, behavior, and home environment of their three-year-old children. *Child Development, 70.*, 967–978.
- Blair, S. L., Wenk, D., & Hardesty, C. (1994). Marital quality and paternal involvement: Interconnections of men's spousal and parental roles. *The Journal of Men's Studies, 2*(3), 221-237.

- Bretherton, I., Lambert, J. D., & Golby, B. (2005). Involved fathers of preschool children as seen by themselves and their wives: Accounts of attachment, socialization, and companionship. *Attachment & Human Development*, 7(3), 229-251.
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child development*, 71(1), 127-136.
- Brown, G., McBride, B., Shin, N. & Bost, K. (2007). Parenting predictors of father-child attachment security: Interactive effects of father involvement and fathering quality. *Fathering*, 5(3).
- Buckley, C. K., & Schoppe- Sullivan, S. J. (2010). Father involvement and coparenting behavior: Parents' nontraditional beliefs and family earner status as moderators. *Personal Relationships*, 17(3), 413-431.
- Bureau, J. F., Yurkowski, K., Schmiedel, S., Martin, J., Moss, E., & Pallanca, D. (2014). Making children laugh: Parent-child dyadic synchrony and preschool attachment. *Infant mental health journal*, 35 (5), 482-494.
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child development*, 71 (1), 127-136.
- Cabrera, N. J., & Tamis-LeMonda, C. S. (Eds.). (2013). *Handbook of father involvement: Multidisciplinary perspectives*. Routledge.
- Cabrera, N., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Development Science*, 11(4), 185-189.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). Overview: The expanded family life cycle – Individual, family, and social perspectives. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar - Uma Estrutura para a Terapia Familiar*” (pp. 2-26). Porto Alegre - Artes Médicas.
- Charles, P., Spielfogel, J., Gorman-Smith, D., Schoeny, M., Henry, D., & Tolan, P. (2018). Disagreement in parental reports of father involvement. *Journal of family issues*, 39 (2), 328-351.
- Coley, R. L., & Chase-Lansdale, P. L. (1999). Stability and change in paternal involvement among urban African American fathers. *Journal of Family Psychology*, 13(3), 1–20.

- Coley, R. L., & Morris, J. E. (2002). *Comparing Father and Mother Reports of Father Involvement Among Low-Income Minority Families*. *Journal of Marriage and Family*, *64*(4), 982–997. doi:10.1111/j.1741-3737.2002.00982.x
- Conner, D. B., Knight, D. K., & Cross, D. R. (1997). *Mothers' and fathers' scaffolding of their 2-year-olds during problem-solving and literacy interactions*. *British Journal of Developmental Psychology*, *15*(3), 323–338.
- Crouter, A. C., Perry-Jenkins, M., Huston, T. L., & McHale, S. M. (1987). *Processes underlying father involvement in dual-earner and single-earner families*. *Developmental Psychology*, *23*(3), 431–440. doi:10.1037/0012-1649.23.3.431
- Davies, P. T., Woitach, M. J., Winter, M. A., & Cummings, E. M. (2008). Children's insecure representations of the interparental relationship and their school adjustment: The mediating role of attention difficulties. *Child Development*, *79*, 1570–1582. doi: 10.1111/j.1467- 8624.2008.01206
- Diener, M., & Kim, D. (2004). Maternal and child predictors of preschool children's social competence. *Applied Developmental Psychology*, *25*, 3-24. DOI: 10.1016/j.appdev.2003.11.006.
- Doherty, W. J., Kounesky, E. F., & Erickson, M. F. (1998). Responsible fathering: Na overview and conceptual framework. *Journal of Marriage and the Family*, *60*, 277-292.
- Eo, Y. S., & Kim, J. S. (2017). Parenting stress and maternal–child interactions among preschool mothers from the Philippines, Korea, and Vietnam: A cross-sectional, comparative study. *Journal of Transcultural Nursing*, *00* (0), 1-8.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *118*, 108–132.
- Easterbrooks, M. A., & Emde, R. N. (1988). Marital and parent-child relationships: The role of affect in the family system. In R. A. Hinde & J. S. Hinde (Eds.), *Relationships within families: Mutual influences* (pp. 83-103). New York: Oxford University Press.
- Fabes, R. A., Gaertner, B. M., & Popp, T. K. (2006). Getting along with others: social competence in early childhood. *Blackwell handbook of early childhood development*, 296-316.

- Finley, G. E., Mira, S. D., & Schwartz, S. J. (2008). Perceived paternal and maternal involvement: Factor structures, mean differences, and parental roles. *Fathering, 6*(1), 62-83.
- Flouri, E., Buchanan, A., & Bream, V. (2002). Adolescents' perceptions of their fathers' involvement: Significance to school attitudes. *Psychology in the Schools, 39*(5), 575-582.
- Gadaire, D. M., Henrich, C. C., & Finn-Stevenson, M. (2017). Longitudinal Effects of Parent–Child Interactions on Children’s Social Competence. *Research on Social Work Practice, 27*(7), 767-778.
- Grossman, K., Grossman, K.E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer- Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers’ sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development, 11*, 307-331.
- Harris, K. M., Furstenberg, F. F., & Marmer, J. K. (1998). Paternal involvement with adolescents in intact families: The influence of fathers over the life course. *Demography, 35*(2), 201-216.
- Hawkins, A. J., & Palkovitz, R. (1999). Beyond ticks and clicks: The need for more diverse and broader conceptualizations and measures of father involvement. *The Journal of Men’s Studies, 8*(1), 11-32.
- Hawkins, A. J., Bradford, K. P., Palkovitz, R., Christiansen, S. L., Day, R. D., & Call, V. R. (2002). The inventory of father involvement: A pilot study of a new measure of father involvement. *The Journal of Men’s Studies, 10*(2), 183-196.
- Hosokawa, R., & Katsura, T. (2018). Socioeconomic Status, Emotional/Behavioral Difficulties, and Social Competence among Preschool Children in Japan. *Journal of Child and Family Studies, 27* (12), 4001-4014.
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare in dual-earner families with young children. *Fathering, 4*(1), 23-47.

- John, A., Halliburton, A., & Humphrey, J. (2013). Child–mother and child–father play interaction patterns with preschoolers. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 483-497.
- Joy, J. M. (2016). Evaluating Positive Social Competence in Preschool Populations. *School Community Journal*, 26 (2), 263-289.
- Junttila, N., Voeten, M., Kaukiainen, A., & Vauras, M. (2006). Multisource assessment of children's social competence. *Educational and psychological measurement*, 66(5), 874-895.
- Kamo, Y. (2000). “He said, she said”: Assessing discrepancies in husbands’ and wives’ reports on the division of household labor. *Social Science Research*, 29, 459–476.
- Katz, L. F., & Low, S. M. (2004). Marital violence, co-parenting and family-level processes in relation to children’s adjustment. *Journal of Family Psychology*, 18, 372–382. doi: 10.1037/0893-3200.18.2.372
- King, V. (2003). The influence of religion on fathers' relationships with their children. *Journal of Marriage and Family*, 65(2), 382-395.
- Krishnakumar, A., & Beuhler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, 49, 25–44.
- Labrell, F. (1996). Paternal play with toddlers: Recreation and creation. *European Journal of Psychology of education*, 11(1), 43-54.
- LaFreniere, P.J., & Dumas, J.E. (1996). Social Competence and Behavior Evaluation in Children ages 3 to 6 years old: The Short Form (SCBE – 30). *Psychological Assessment*, 8, 369–377.
- Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise psicológica*, 10, 19-34.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29(2-3), 23-42.
- Lamb, M. E. (Ed.). (2004). *The role of the father in child development*. Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons.

- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. *The role of the father in child development*, 5, 94-153.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altman, A. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the lifespan: Biosocial perspectives* (pp. 11-42). New York: Academic.
- Lamb, M. E., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the father: An introduction. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4th ed., pp. 1-31). New Jersey: John Wiley and Sons.
- Lee, C. Y. S., & Doherty, W. J. (2007). Marital satisfaction and father involvement during the transition to parenthood. *Fathering*, 5(2), 75-97.
- Lee, Y. S., & Waite, L. J. (2005). Husbands' and wives' time spent on housework: A comparison of measures. *Journal of Marriage and Family*, 67, 328-336.
- Le Camus, J., & Frascarolo, F. (2003). Introduction of the special issue on fatherhood. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 95.
- Lewis, C., & Lamb, M. E. (2003). Fathers' influence on children's development: The evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 211-228.
- Lima, J. A. (2008). O tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar. *Infâncias possíveis, mundos reais*.
- Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no cotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 29 (4), 567-578.
- Lindsey, E. W., Caldera, Y. M., & Tankersley, L. (2009). Marital conflict and the quality of young children's peer play behavior: The mediating and moderating role of parent-child emotional reciprocity and attachment security. *Journal of Family Psychology*, 23, 130-145. doi: 10.1037/a0014972

- Lyons-Ruth, K., Wolfe, R., Lyubchik, A., & Steingard, R. (2002). Depressive symptoms in parents of children under age 3: Sociodemographic predictors, current correlates, and associated parenting behaviors. In N. Halfon, K. T. McLearn, & M. A. Schuster (Eds.), *Child rearing in America: Challenges facing parents with young children* (pp. 217-259). New York, NY, US: Cambridge University Press.
- McBride, B. A., & Mills, G. (1993). A comparison of mother and father involvement with their preschool age children. *Early Childhood Research Quarterly*, 8(4), 457–477.
- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., Vaughn, B., & Korth, B. (2005). Paternal identity, maternal gate keeping, and father involvement. *Family Relations*, 54, 360-372.
- McCabe, P. C. & Altamura, M. (2011). Empirically valid strategies to improve social and emotional competence of preschool children. *Psychology in the Schools*, 48 (5), 513-540. doi: 10.1002/pits.20570.
- McCoy, K. P., George, M. R., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2013). Constructive and destructive marital conflict, parenting, and children’s school and social adjustment. *Social Development*, 22, 641–662. <https://doi.org/10.1111/sode.12015>
- Mcdowell, D.J., & Parke, R.D. (2009). Parental Correlates of Children’s Peer Relations: An Empirical Test of a Tripartite Model. *Developmental Psychology*, 45, (1), 224-235.
- McKenry, P. C., Price, S. J., Fine, M. A., & Serovich, J. (1992). Predictors of single, noncustodial fathers' physical involvement with their children. *The Journal of Genetic Psychology*, 153(3), 305-319.
- Meece, D. (2013). Resident Father-Child Involvement: Associations with Young Children's Social Development and Kindergarten Readiness in the ECLS-B. *Online Session*.
- Menashe-Grinberg, A., & Atzaba-Poria, N. (2017). Mother–child and father–child play interaction: The importance of parental playfulness as a moderator of the links between parental behavior and child negativity. *Infant mental health journal*, 38(6), 772-784.
- Mikelson, K. S. (2008). He said, she said: Comparing mother and father reports of father involvement. *Journal of Marriage and Family*, 70 (3), 613-624.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I.P., Torres, N., e Vaughn, B.E. (2010). Perspectiva do Pai Acerca do seu Envolvimento em Famílias Nucleares. *Associações*

com o que é Desejado pela Mãe e com as Características da Criança. *Revista Interamericana de Psicología*, 44 (1), 1-11.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R., & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. *Realidade ou expectativa*, 213-229.

Nelson, T., Edin, K., & Clampet-Lundquist, S. (1999). Doin'the best I can": How low-income, non-custodial fathers in Philadelphia talk about their families. In *Urban Seminar Series on Children's Health and Safety*, Harvard, University, Cambridge, MA.

Neppl, T. K., Wedmore, H., Senia, J. M., Jeon, S., & Diggs, O. N. (2018). Couple interaction and child social competence: The role of parenting and attachment. *Social Development*, 1-17. doi: 10.1111/sode.12339

Newland, L. A., Coyl, D. D. and Freeman, H. 2008. Predicting preschoolers' attachment security from fathers' involvement internal working models, and use of social support. *Early Child Development and Care*, 178: 785–801. doi:10.1080/03004430802352186

Nugent, J.K. (1991). Cultural and psychological influences on the father's role in infant development. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 475-485.

Palkovitz, R. (2012). Involved Fathering and Child Development: Advancing our Understanding of Good Fathering. In N. J., Cabrera, & C. S. Tamis-LeMonda, (Eds), *Handbook of Father Involvement* (pp. 134-155). Routledge Academic.

Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human development*, 47(4), 193-219.

Parke, R. D., MacDonald, K. B., Burks, V. M., Bharnagri, N., Barth, J. M., & Beitel, A. (1989). Family and peer systems: In search of linkages. In N. Kreppner & R. M. Lerner (Eds.), *Family systems and life-span development* (pp. 65– 92). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Parke, R. D., McDowell, D. J., Kim, M., Killian, C., Dennis, J., Flyr, M. L., & Wild, M. N. (2008). Fathers' contributions to children's peer relationships. In C. S. Tamis-LeMonda & N. Cabrera (Eds.), *Handbook of father involvement: Multidisciplinary perspectives* (pp. 141–167). Mahwah, NJ: Routledge.

- Phares, V. (1992). Where's poppa? The relative lack of attention to the role of fathers in child and adolescent psychopathology. *American Psychologist*, 47 (5), 656-664.
- Pimenta, M, Veríssimo, M., Monteiro, L., Pessoa e Costa, I. (2010). O Envolvimento paterno de Crianças a frequentar o Jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 4 (XXVIII): 565-580.
- Pleck, J. (1997). 'Paternal involvement: levels, sources, and consequences', In M. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development*, New York: Wiley & Sons, pp. 66-103.
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4th ed., pp. 1-31). New Jersey: John Wiley and Sons.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by US residential fathers: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 222-271). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc.
- Pridham, K. A., Lutz, K. F., Anderson, L. S., Riesch, S. K., & Becker, P. T. (2010). Furthering the understanding of parent– child relationships: A nursing scholarship review series: Part 3: Interaction and the parent–child relationship—assessment and intervention studies. *Journal for Specialists in Pediatric Nursing*, 15, 33-61. doi:10.1111/j.1744-6155.2009.00216.x
- Radin, N. (1994). Primary-caregiving fathers in intact families. In, A. E. Gottfried, & A. W. Gottfried (Eds.), *Redefining families: Implications for children's development* (pp.11-54). New York: Plenum Press.
- Rice, K. G., Cunningham, T. J., & Young, M. B. (1997). Attachment to parents, social competence, and emotional well-being: A comparison of Black and White late adolescents. *Journal of Counseling Psychology*, 44(1), 89-101.
- Rispoli, K. M., McGoey, K. E., Koziol, N. A., & Schreiber, J. B. (2013). The relation of parenting, child temperament, and attachment security in early childhood to social competence at school entry. *Journal of school psychology*, 51(5), 643-658.
- Roggman, L. A., Benson, B., & Boyce, L. (1999). Fathers with infants: Knowledge and involvement in relation to psychosocial functioning and religion. *Infant Mental Health*

Journal: Official Publication of The World Association for Infant Mental Health, 20(3), 257-277.

- Roggman, L. A., Boyce, L., Cook, G. A., Christiansen, K., & Jones, D. (2007). Playing with daddy: Social toy play, early head start, and developmental outcomes. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice about Men as Fathers, 2(1), 83.*
- Roggman, L. A., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Raikes, H. (2012). Methodological, measurement, and design issues in studying fathers: An interdisciplinary perspective. In *Handbook of father involvement* (pp. 17-46). Routledge.
- Santos, A. J., Vaughn, B. E., Peceguina, I., Daniel, J. R., & Shin, N. (2014). Growth of social competence during the preschool years: A 3-year longitudinal study. *Child Development, 85(5), 2062-2073.*
- Saracho, O. N., & Spodek, B. (2008). Fathers: The 'invisible' parents. *Early Child Development and Care, 178(7-8), 821-836.*
- Schwartz, J.I. (2004). An observational study of mother/child and father/child interactions in story reading. *Journal of Research in Childhood Education, 19, 105–114.*
- Seltzer, J. A., & Brandreth, Y. (1994). What fathers say about involvement with children after separation. *Journal of Family Issues, 15(1), 49–77.*
- Shannon, J., Tamis-LeMonda, C. S., London, K., & Cabrera, N. (2002). Beyond rough and tumble: Low-income fathers' interactions and children's cognitive development at 24 months. *Parenting: Science and practice, 2(2): 77–104.*
- Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2006). Impact of hostility and withdrawal in interparental conflict on parental emotional unavailability and children's adjustment difficulties. *Child Development, 77, 1623–1641.* doi: 10.1111/j.14678624.2006.00963
- Torres, N., Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A. J., & Pessoa e Costa, I. (2012). Father involvement and peer play competence in preschoolers: The moderating effect of the child's difficult temperament. *Family Science, 3(3-4), 174-188.*

- Torres, N., Veríssimo, M., Monteiro, L., Ribeiro, O. & Santos, A.J. (2014). Domains of father involvement, social competence and problem behavior in preschool children. *Journal of Family Studies*, 20, 188-203.
- Tremblay, S., & Pierce, T. (2011). Perceptions of fatherhood: Longitudinal reciprocal associations within the couple. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 43(2), 99.
- Veríssimo, M., & Santos, A. (2008). Desenvolvimento Social: Algumas considerações teóricas. *Análise Psicológica*, 3, (26), 389-394.
- Veziroglu-Celik, M. & Acar, H. I. (2018): The association between learning behaviours and social competence of Turkish preschool children. *Early Child Development and Care*, doi: 10.1080/03004430.2018.1542386
- Waters, E., & Sroufe, L. A. (1983). Social competence as a developmental construct. *Developmental review*, 3(1), 79-97.
- Wenk, D., Hardesty, C. L., Morgan, C. S., & Blair, S. L. (1994). The Influence of Parental Involvement on the Well-Being of Sons and Daughters. *Journal of Marriage and the Family*, 56(1), 229. doi:10.2307/352718
- Yogev, S., & Brett, J. (1985). Perceptions of the division of housework and child care and marital satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 609-618.
- Yogman, M.W., Kindlon, D., & Earls, F. (1995). Father involvement and cognitive/behavioral outcomes of preterm infants. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 34, 58-66.

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Informado – Pais



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Caros Pais,

Sou aluna do Mestrado Integrado em Psicologia no ISPA- Instituto Universitário. No âmbito da minha dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, estou a desenvolver uma investigação sob orientação do Prof. Doutor António José dos Santos, para a qual gostaria de solicitar a vossa colaboração.

Objetivo do Estudo: O presente estudo tem como principal objetivo estudar as relações entre o envolvimento parental e o desenvolvimento de determinadas competências em crianças em idade pré-escolar (dos 3 aos 5 anos).

Condições do Estudo: A participação no estudo consiste no preenchimento de um questionário sociodemográfico e dois questionários sobre o envolvimento parental (que devem ser respondidos separadamente um pelo pai e outro pela mãe), sendo o tempo total previsto de resposta cerca de 5 minutos. No final, irei solicitar à educadora do seu/sua filho/a para preencher um questionário relativo à aquisição de determinadas competências pelo/a seu/sua filho/a no contexto escolar (cada **criança é identificada por um código numérico**).

Confidencialidade, Privacidade e Anonimato: A sua participação é **voluntária, anónima e totalmente confidencial**, os dados obtidos destinam-se unicamente para fins de investigação. Por esta razão, tem a possibilidade, por motivos éticos, de negar a sua participação ou de se retirar do estudo, a qualquer momento, sempre que assim o entender. **Nenhuma criança será identificada** e os resultados destinam-se unicamente para fins estatísticos de grupo. A colaboração do **Colégio** (que também **não será identificado**) baseia-se unicamente na entrega e posterior recolha dos questionários, os quais se destinam a ser analisados unicamente pela investigadora.

Se tiver alguma questão ou preocupação não hesite em contactar-me via correio electrónico para mariafranconreis@gmail.com. Desde já agradeço o seu tempo e consideração!

Tomei conhecimento do exposto e aceito participar na presente investigação:

(Assinatura – Mãe)

(Assinatura – Pai)

Anexo B – Termo de Consentimento Informado - Educadora



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Cara Educadora,

Sou aluna do Mestrado Integrado em Psicologia no ISPA- Instituto Universitário. No âmbito da minha dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, estou a desenvolver uma investigação sob orientação do Prof. Doutor António José dos Santos, para a qual gostaria de solicitar a sua colaboração.

Objetivo do Estudo: O presente estudo tem como principal objetivo estudar as relações entre o envolvimento parental e o desenvolvimento de determinadas competências em crianças em idade pré-escolar (dos 3 aos 5 anos).

Condições do Estudo: A participação no estudo consiste no preenchimento pelos pais de um questionário sociodemográfico e dois questionários sobre o envolvimento parental. Após as respostas dos pais serem entregues, irei solicitar sua participação para responder a um questionário relativo à aquisição de determinadas competências por cada criança cujos pais participaram na investigação.

Confidencialidade, Privacidade e Anonimato: A sua participação é **voluntária, anónima e totalmente confidencial**, os dados obtidos destinam-se unicamente para fins de investigação. **Nenhuma criança será identificada** (ser-lhe-á atribuído um código numérico) e os resultados destinam-se unicamente para fins estatísticos de grupo. Por esta razão, tem a possibilidade, por motivos éticos, de negar a sua participação ou de se retirar do estudo, a qualquer momento, sempre que assim o entender.

Se tiver alguma questão ou preocupação não hesite em contactar-me via correio electrónico para mariafranconreis@gmail.com. Desde já agradeço o seu tempo e consideração!

Tomei conhecimento do exposto e aceito participar na presente investigação:

(Assinatura – Educadora)

____/____/2019